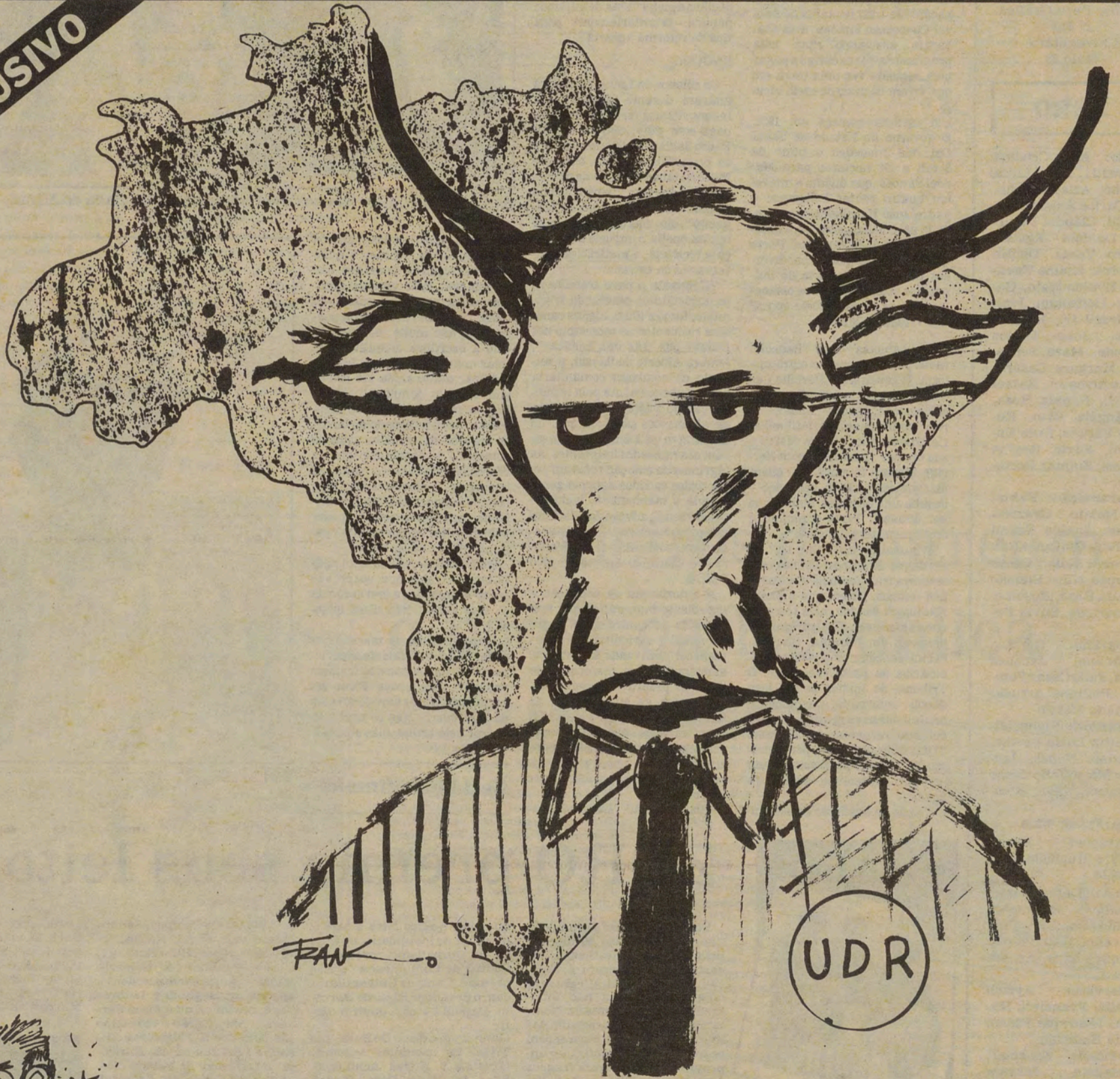


# ZERRO

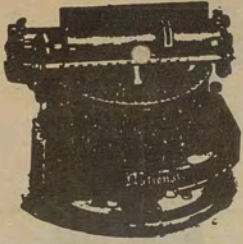
FLORIANÓPOLIS, NOVEMBRO DE 1988

EXCLUSIVO



O mapa eleitoral da UDR  
Terrorismo na Celesc  
Traição do Mirad

E mais um monte de droga...



Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta edição foi elaborada nas madrugadas de 1º e 3 de novembro de 1988.

Melhor Peça Gráfica  
1º Set  
Universitário  
Maio 88

**ZERO**

Texto: Ana Cristina Lavratti, Ana Luiza Coelho, Arley Machado, Carlos Augusto Locatelli, Cláudia Finardi, Daniela Aguiar, Dauro Veras, Denise Bezerra, Elaine Tavares, Evaldo Neto, Geraldo Hoffmann, Ivaldo Brasil Jr., Jacques Mick, João Carlos Grando, Mara Schuster, Marques Casara, Ozias Alves Jr., Rafael Maseli, Renata Rosa, Rosângela Bion, Rubens Vargas, Rute Enriconi, Silvia Regina Pavesi, Zulmar Bortolotto.

Diagramação: Fabiano Melato, Graziela Nunes, Ivaldo Brasil Jr., Ivan Giovanni Rau Flores, Julio Cesar Pompeo, Nilva Bianco, Renata Rosa, Rosemeri Laurindo, Silvia Pavesi.

Fotografia: Geraldo Hoffmann, Jacques Mick, Julio Cesar Pompeo, Philippe Arruda, Fabiano Melato  
Laboratório Fotográfico: Ana Luiza Coelho, Graziela Nunes, Jacques Mick, Julio Cesar Pompeo, Nilva Bianco.

Capa: Frank Maia

Ilustrações: Frank Maia e Ruchelle Zandavalle

Edição: Dauro Veras, Geraldo Hoffmann, Ivaldo Brasil Jr., Ivan Giovanni Rau Flores, Jacques Mick, Renata Rosa.

Supervisão: Ayrtton Kanitz, Francisco Karam, Henrique Finco, Nella Blanchin.

Convidado Especial: Jornalista Jakzam Kaiser.

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis, SC.

Telefone: (0482) 33-9215

Telex: (0482) 240 BR  
Acabamento e Impressão: Diário Catarinense

Distribuição Gratuita  
Circulação Dirigida  
3000 exemplares

**TERRA EM TRANSA**

**Mirad trapaceia polacos**

**Agricultores pagam terra duas vezes**

O dia 29 de outubro de 1988 vai entrar para a história da Linha Varaneira, em Ibirama, como uma grande farsa. As quarenta e duas famílias de agricultores que povoam o arraial fizeram uma festa para receber do Ministério da Reforma Agrária, os "títulos de autorização de ocupação" de 1.257 hectares do imóvel Concessão Simões, mas acabaram assinando uma nota promissória que os obriga a pagar pela segunda vez uma terra em que vivem há mais de meio século.

A história começa em 1924. O governo do Estado de Santa Catarina concedeu o título de 8 mil e 400 hectares para Manoel Simões, que dividiu o imóvel em quatro partes e nomeou o padre João Kamineck para vendê-lo parceladamente, sem qualquer plano de loteamento. Parte das terras foi adquirida por diversas famílias, a maioria de imigrantes poloneses, que se estabeleceram na região àquela época. É a versão do Mirad.

As "babuxas" e os "hadeck" (avós polacos) contam outra história. O governador Hercílio Luz deu as terras ao Simões para colonização, porque "andava de rolo" com a mulher do latifundiário. Simões morava em Mafra e sua mulher "transava" com Hercílio Luz em Curitiba. "E quem diz que isso não é verdade?", desafia um velhinho, lembrando um ditado: "Terra e mulher é dono quem está em cima".

Trinta anos depois, em 1957, os herdeiros de Manoel Simões contestam a transferência dos títulos aos colonos. Dizem que o padre Kamineck vendeu mais terra do que o autorizado. O julgamento do processo em Ibirama, em 1964, decide cancelar os registros imobiliários da parte excedente. O Tribunal de Justiça de SC, logo depois, reformula a sentença e anula todas as escrituras. Os agricultores recorrem ao Supremo Tribunal Federal que, por "questão de técnica processual", um erro burocrático, não reconhece o apelo.

A ação de anulação de escritu-

ras é cumulada, em 1981, com a reivindicação de posse, por parte dos Simões. Os juizes da comarca de Ibirama decidem pelo despejo de todas as famílias. Houve pânico. Os colonos reagem e, em 82, conseguem aprovar no mesmo fórum "embargo do despejo", com o que ganham tempo para pleitear junto ao Ministério da Reforma Agrária a desapropriação da área. No dia 13 de março de 1985, dois dias antes de deixar o governo, o presidente Figueiredo declara a gleba "área de utilidade pública, prioritariamente para fins de reforma agrária".

**ENGODO**

Os colonos da Linha Varaneira lutaram durante 28 anos para reconquistar a terra que haviam pago com zloty, marcos e suor. Pedro Sadlavski, 58 anos, lembra os primeiros dias nos barracos feitos de tábuas rachadas de pinheiro e tapados com "papão" (folha de palmeira), o "picadão de cargueiro", oito dias de carroça para ir a Itaipópolis, o imposto de carroça e bicicleta, o mutirão de conservação da estrada.

"Enquanto o povo trabalhava na agricultura, plantando trigo, milho, fumo e linho, alguns canchais residentes no município nos traíam por trás das cortinas", lembra Alberto Sadlavski, presidente da comissão comunitária que encabeçou a luta pela reintegração de posse. Gente do tipo de alguns dos políticos que, no dia 28, com toda demagogia, tocaram nas raízes dos imigrantes. As lágrimas de emoção rolavam pelos rostos sofridos daquela gente iludida e manipulada, inclusive pelos "seus" advogados Estêvão e Santino Ruchinski - que já pensam em candidatar-se à prefeitura de Ibirama em 1992, pelo PMDB.

A autorização de ocupação é expediente burocrático que tem validade de quatro anos, prazo pelo qual o agricultor deve permanecer cultivando a terra, demonstrando sem merecedor do título de propriedade definitivo. Junto com as autorizações, as famílias de Ibirama receberam uma "carta de anuência", que as permite efetuar financiamentos em bancos. Até agora, eles precisavam de avalista para qualquer empréstimo.

Quando "seu" Leonardo Sa-



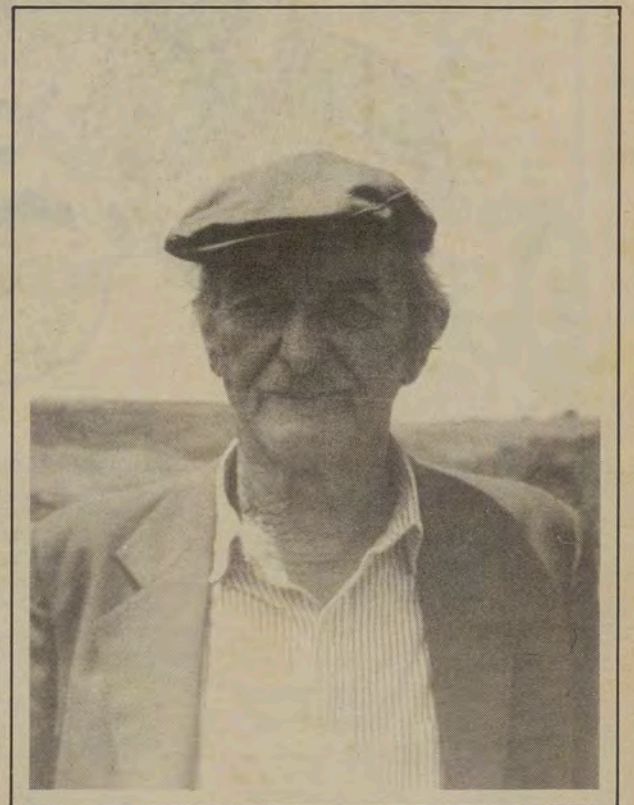
As "babuxas" e os "hadeck" acreditaram na bondade do Mirad

davski, 61 anos, um dos pioneiros da comunidade, recebeu o título de autorização de ocupação, não se conteve: duas grossas lágrimas escorrem pelos sulcos do rosto. "Me sinto melhor um pouco, mas não muito, porque não veio a escritura definitiva. Vai rolar muita água, vamos ter que batalhar muito ainda até conseguir o título definitivo", disse. Depois, pediu que lessem o documento: ficou indignado ao ouvir, no reverso da medalha, que "o outorgado se obriga a pagar as despesas relativas ao valor da terra nua, à demarcação, bem como quaisquer benfeitorias erigidas com o concurso do poder público". Nós vamos batalhar para não pagar nada, avisou.

Jacó Anderle tentou tranquilizá-lo: "O valor que vocês vão pagar é simbólico e tem carência de dois anos". Não disse quanto.

O foguetório e as marchinhas polonesas do alto-falante silenciaram. A festa acabou e os tratores voltaram para a roça. Ficou um cartaz solitário na parede do salão da Igreja: "Não se avalia as pedras pelo brilho, mas sim pelo seu valor".

**Geraldo hoffmann**



Sadlavski

**ZERO premia seus leitores**

Foi preciso adiar a promoção "Zero e WEA dão 50 discos" pela resposta insuficiente de cartas que chegaram à redação. A prorrogação atingiu seus objetivos, embora não totalmente. Como garantia o cupom, temos dez discos de cada um dos intérpretes citados para serem entregues. Mas aconteceu o imprevisto, alguns foram francos favoritos: os Titãs e Rod Stewart tiveram escolhas superiores aos dez discos disponíveis. Assim, perdeu quem demorou prá escrever ou não foi muito criativo. Com isso, os representantes do Zero e da gravadora WEA foram forçados a escolher concorrentes para discos que não elegeram. Restaram quinze discos (totais) de Prince, do Barão Vermelho e do trio formado por Robert Cray, Albert Collins e Johnny Coopeland. Para estes, vale quem chegar primeiro.

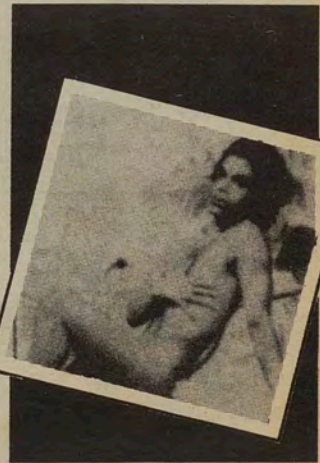
Eleitos em primeira escolha ou pendentes na "regra três", devem buscar seus discos em

qualquer quarta-feira à tarde, munidos de identidade, no Curso de Jornalismo, prédio do Centro de Comunicação e Expressão, Campus Universitário com o professor Ricardo Barreto. Depois é tocar, ouvir e curtir. Ganharam o disco Go Back, dos Titãs, os seguintes leitores: Graziela S. Nunes, Achilles S. Silva Jr., Tadeu César Medeiros Cardoso, Ilka Goldschmidt, Ademir Demarchi, Gerson Eduardo Macedo, José Luis Schuler, Luiz Adriano E. Franco, Rafael Maseli e Elsa Márcia Pereira. Levam Rod Stewart: Gerson E. Macedo, Fábio Scherer Ventura, Silvana Bortolon, Anna M.F. da Cunha, Rute Enriconi, Marcos Sérgio Machado, Sidney de Oliveira, Valter Ralf Noebauer, Dalva Luiza Macedo e Itamar Perini. Os seguintes leitores podem contar com seu exemplar de Show-down, disco do trio infernal de guitarristas negros liderados por Robert Cray: Fábio Lavrat-

ti, Julio César Campos, Sandro Shiguefuzzi, Romir Rocha, José Luis Schuler, Rute Enriconi, Elsa M. Pereira e Ilka Goldschmidt. Surpreendentemente, apenas os seguintes leitores "encomendaram" o disco Carnaval, do Barão Vermelho (Jailson dos S. Filgueiras Jr., André Luiz Zen e Rute Enriconi) e Lovesexy de Prince - Renata Rosa, Elisabeth Satkamp e Marta Moura Moritz. Assim os organizadores são forçados a estimular além da promoção, um "rally": levam os discos restantes do trio de guitarristas (2), Prince (7) e do Barão Vermelho (7), os seguintes leitores que chegarem primeiro, podendo fazer suas escolhas alternativas. Não perca tempo, mas traga seu documento - todos deverão se identificar. O Zero não frauda seus leitores.

A turma da regra três: Jefferson Proêncio, Dalton Barreto, José Luis Schuler, Angelita Bortoli, Sorala Monika Drews,

Lorisvaldo Silva, Eliane Alves Barreto, Tomaz Lima, Vanessa Schultz, Luis Carlos Brasil, Fernanda C.C. Lima, Dalmir A. Silva, Rafael Maseli, Moacir Haverroth, Ivaldo Brasil Jr. e Marcos Antonio Silva.



# Bois da UDR elegem prefeitos

## Caiado quer 50% das Câmaras e prefeituras

A União Democrática Ruralista (UDR) não é um partido político, mas garante que vai eleger 50% de todos os candidatos às prefeituras e Câmara de Vereadores do país, com o apoio das pessoas que participam da entidade. O Presidente da UDR, Ronaldo Caiado, que esteve em Chapecó no dia 22 de Outubro, acredita que "a entidade tem o maior nível de conscientização política do país, e está em condições de eleger até mesmo o Presidente da República". Caiado, apostando na vitória que teve sobre a Reforma Agrária na Constituinte, onde contou com o apoio de 295 parlamentares, acha que vai ser fácil eleger vereadores e prefeitos que são simpatizantes da UDR. Entre os partidos na Constituinte que apoiaram a entidade estavam, PFL, PDS, PMDB, PTB, PDT, PDC e PTR, e são esses partidos que a UDR pretende apoiar. O Capítulo III, da nova Constituição, que trata da Reforma Agrária, foi considerado progressista, na análise de Caiado, já que foi garantido que só serão desapropriados os imóveis sem função social. Caiado afirma que o "go-

verno é corrupto, inorgânico, e incapaz de fazer as distribuições de terra, permitindo que os colonos se apossam de nossas propriedades, e é dessa forma que a UDR pretende conquistar votos nas próximas eleições".

A UDR formou uma verdadeira "Ilha na Constituinte", disse Caiado, assim ficou provado que o produtor rural tem força para garantir seus objetivos. "O setor industrial urbano se omitiu completamente", orgulha-se Caiado. As críticas feitas à Igreja Católica, por Ronaldo Caiado, refletem a distância de um entendimento entre as duas entidades. "Pregamos a evangelização entre os homens", e acusou a Igreja de "divulgar idéias marxistas, além de pregar a luta de classes". Ronaldo Caiado está percorrendo todo o país, para falar aos companheiros da entidade para que estejam preparados para serem verdadeiros cabos eleitorais. Agradecendo em nome de todos as condições do tempo que melhoraram para os agricultores depois de um período de seca, ele disse que "Deus não é apenas brasileiro, mas também produtor rural". Talvez Deus não saiba, mas parece que até ele está filiado à UDR.

Rute Enriconi

Fonte: Comissão Pastoral da Terra-SC.



O mapa da UDR, seus números e sua articulação política.

## Fazendeiros demarcam o poder da República

Por onde passa um boi, passa uma boiada. A UDR decidiu aplicar dinheiro nas campanhas do PDS, PMDB, PDT, PFL e PL, nas próximas eleições, além de continuar a financiar 295 parlamentares que votaram contra a reforma agrária na Constituinte. A Agência Ecumênica De Notícias (AGEN), de São Paulo, e a Comissão Pastoral da Terra de Santa Catarina desmascaram toda a estrutura que alimenta os sonhos de Caiado, de infiltrar uderristas em todos os espaços possíveis. A AGEN, no seu boletim nº 120, denuncia que, já com três ministérios "aliados" no governo Sarney (Indústria e Comércio, Reforma Agrária e Agricultura), a UDR reivindica, agora, representação própria no ministério da Fazenda, Banco Central e Conselho Monetário Nacional. Entre os partidos, está excluída qualquer ajuda ao PT, PSB, PCB, PC do B e PSDB. Já o jornal Cheiro de Terra, da CPT, revela, na sua edição de outubro, que a UDR está estruturada em 186 dos 4.500 municípios brasileiros. Com um discurso de "defesa e segurança" das pequenas propriedades, Caiado reúne na entidade 134 mil sócios. A maioria, uns 70 mil, nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina, são médios e pequenos agricultores, iludidos por esse discurso, muito semelhante ao da TFP - Tradição, Família e Propriedade - braço conservador da Igreja Católica. Os 60 mil restantes são fazendeiros, que representam 15% do total de 400 mil latifundiários existentes no País. A CPT questiona também a origem do dinheiro que é investido contra a

reforma agrária, em armas e, agora, no financiamento das eleições municipais. "O dinheiro dos leilões é furado. Muitos dos 49 leilões (35 mil bois) relacionados são apenas publicidade. Se os leilões tivessem rendido tanto quanto se divulga a UDR já teria recolhido 890 mil OTNs ou US\$ 6 milhões", diz o jornal.

### PARTIDO DO BOI?

A UDR não pensa em tornar-se um partido político. Satisfeita com a atuação dos 295 parlamentares (PFL, PDS, PL, PMDB, PTB, PDT, PDC e PTR) na Constituinte, aposta agora nos futuros prefeitos e vereadores. Critica o governo e a corrupção, prega o resgate da integridade, da moral e da competência para mudar o Brasil. Segundo a AGEN, a UDR está cuidando também de organizar o seu primeiro estado na República Federativa do Brasil - o do Tocantins, definindo os seus candidatos a prefeitos, este ano, e a governador, em 1990.

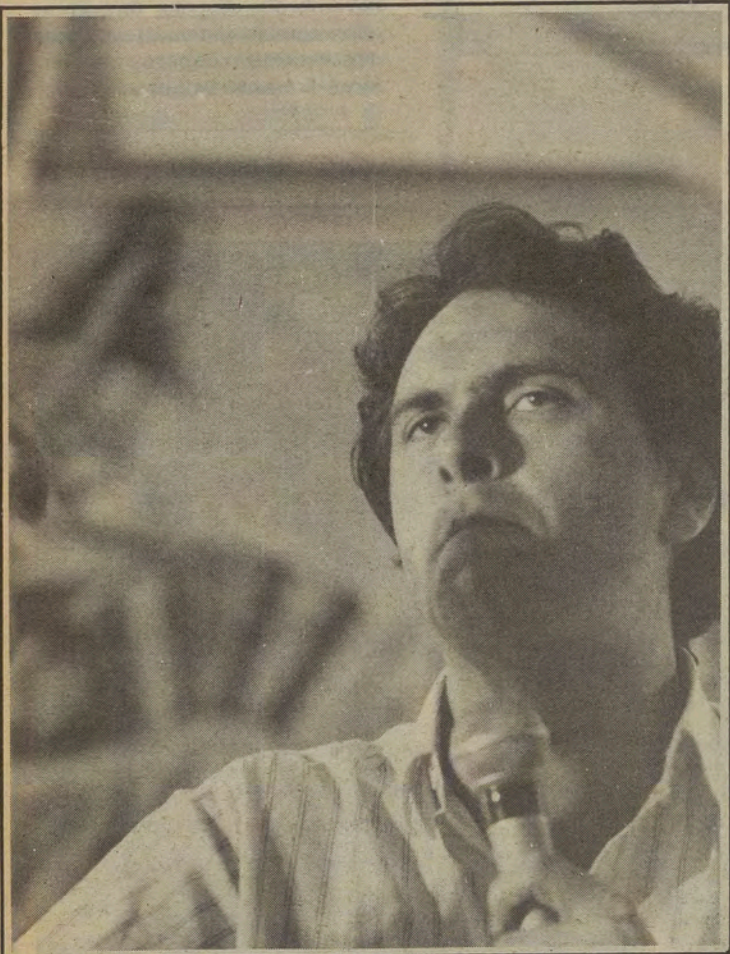
No próximo ano, a UDR terá igualmente, uma atuação decisiva no financiamento dos candidatos de direita para a Presidência da República. Os principais aliados da entidade, nessa ofensiva política, são o Movimento Democrático Urbano (MDU), as entidades dos fazendeiros e pecuaristas e a Ação Cívica de Recuperação Nacional, dirigida por Herbert Levy. Caiado diz que não é candidato à presidência, mas que a UDR apoiará um candidato. Já manteve contatos reservados com o fazendeiro gaúcho-uruguaio-australiano



O rei da boiada

Leonel Brizola. Outras prioridades da UDR, a partir de agora, serão as constituintes estaduais e o processo de elaboração das leis orgânicas municipais. Em Santa Catarina, os partidos burgueses não mostram aversão à união dos latifundiários. Basta folhear os jornais para encontrar expressões do tipo "não tenho razão para apreço ou desprezo em relação à UDR" (Wilmar Dallagnol-PFL), "a UDR defende os interesses dos donos das terras" (Moacir Marques-PDC)... A conclusão é uma só: a República ainda é dos fazendeiros.

Geraldo Hoffmann



Davi Zoccol

De 1980 até hoje, 1.354 pessoas foram assassinadas no Brasil, em conflitos de terra, por pistoleiros a serviço dos latifundiários.

# A quem serve a Constituinte?

**Faz um mês que ela existe. Poucos sabem.**

Em andamento há um mês, a Constituinte Estadual ainda não atraiu a população catarinense. Trabalhadores, estudantes, população em geral, não sabem quase nada sobre ela e sequer que existe.

Mas afinal, o que é a Constituinte Estadual em andamento na Assembleia Legislativa? Para que serve, qual seu significado? O que pode ou não fazer? Até onde seus poderes chegam? Estas são algumas das dúvidas que continuam um mês após a abertura dos trabalhos.

Iraci Nunes Martins, 42 anos, mecânico, não sabe que Santa Catarina tem uma Constituição a ser alterada pela Constituinte em andamento. Sua preocupação é com a sobrevivência imediata. "Não sei nada do que é e o que significa a palavra Constituição. Já ouvi falar sobre ela na televisão, mas eu só quero uma coisa: uma lei que encha os pratos de comida dos meus filhos, porque a coisa assim como está não dá", desabafa Iraci.

Marinete Siqueira, 24 anos, empregada doméstica, reafirma as palavras de Iraci. Além de nada saber, também, sobre a Constituinte Estadual, Marinete argumenta que precisa trabalhar e que "não vou esperar uma coisa que não enche o bolso e nem garante comida". Mas ressalva sua torcida para que a Constituinte dê certo e as coisas "melhorem".

Por sua vez, Luís Carlos Mortimer, 23 anos, funcionário público, arrisca vãos mais altos. Opina que a Constituinte Estadual é uma adaptação da Federal em cada estado. Particularmente, Luís

Carlos espera que a nova carta catarinense contenha leis com o objetivo de assegurar melhores reajustes salariais para os servidores.

Se para a maioria do povo a Constituinte Estadual é uma incógnita, para seu presidente, o deputado Aloísio Piazza (sem partido) ela existe e faz parte de seu dia-a-dia. Com um leve sorriso, Piazza mostra fotos de posse da Mesa Direto-

ra "da maioria" que vai conduzir os trabalhos (existe outra constituinte, fantasma, presidida por Juárez Furtado - vide box) e culpa o atraso na promulgação da Carta Federal como responsável pelo desânimo dos parlamentares catarinenses para o início dos trabalhos.

Mesmo com o desconhecimento da população sobre o assunto, o presidente da Constituinte Estadual não perde o entusiasmo para contar os poderes da nova Carta.

"Agora, teremos autonomia para legislar tributos, meio ambiente, sistema judiciário, organização

dos poderes", lembra. A Carta permite, segundo ele, que Santa Catarina adote, por exemplo, o sistema parlamentarista de governo. Outra medida, esclarece, é a criação de varas distritais (de pequenas causas) para que os problemas de cada local sejam resolvidos no interior da própria comunidade.

As interpretações sobre a autonomia dos estados são muitas e dão margem a discussões. O artigo 25 da nova Carta, por exemplo, diz que os estados são regidos pelas Constituições e leis que adotarem, observando, contudo, os princípios constitucionais federais.

A especialista em Direito Constitucional, Regina Iara Régis, explica que os atuais deputados têm apenas poderes constitucionais, mas não são constituintes. "O Legislativo possui um poder constituinte derivado da Constituição Federal, que limitou, inclusive, até onde os estados podem legislar", assegura.

Apesar das dúvidas existentes, o deputado Piazza lê com satisfação alguns trechos da Constituição Federal. "Agora temos uma verdadeira Federação", confia, "e a Lei Orgânica do município será elaborada pela Câmara de Vereadores", esclarece. Mesmo com as críticas à lentidão dos trabalhos e das confusões em torno da presidência da mesa, Piazza não acha que a Constituinte está caminhando. "A primeira etapa é aprovar o regimento interno até o fim de novembro e, depois, formar as cinco comissões temáticas e uma de sistematização para então acelerar os trabalhos", finaliza.



João Grando

## Atores do espetáculo

Passado um mês da instalação da Constituinte Estadual, o comandante supremo da Assembleia ainda não abandonou a embarcação. O circo já pegou fogo e desmoronou, mas o deputado Juárez Furtado (PMDB) continua firme no seu propósito de fazer a nova Carta Constitucional catarinense. O mal amado da Assembleia montou um cenário onde ele é o único figurante e espectador. Como os convidados nunca foram à sua festa, ele ameaça levar o caso à Justiça. A "minoridade" de 39 deputados - ao todo são 40 - é contra a encenação teatral de Furtado e escolheu outra mesa para dirigir os trabalhos constituintes - Aloísio Piazza é o presidente e Paulo Afonso (PMDB), relator geral.

IMPrensa

Nem todos pensam como Furtado e tratam a Constituinte Estadual igual a uma piada. Nikão Duarte, editor de política do Diário Catarinense (DC), afirma que apesar de a nova Carta concorrer com as eleições presidenciais de 89, ela vai ter um espaço privilegiado no DC. "A divulgação dela vai depender muito da qualidade do seu conteúdo", concluiu Nikão. Já

Ludmila Sousa, editora de política do jornal O Estado, também aponta como prioridade em seu jornal a Constituinte Estadual.

"Este é o momento de vermos quem são os bons profissionais na área.

Vamos realizar muitas matérias de serviço, para acabar com as dúvidas da população", esclareceu Ludmila.

A assessoria de imprensa da Assembleia Legislativa também está procurando fórmulas para divulgar a Constituinte Estadual. O jornalista Sergio Lopez revelou que será feito um boletim diário dos acontecimentos.

"Agora a realização de um programa de rádio e TV vai depender de um acordo entre a União Parlamentar Interestadual (UPI) e a Associação Brasileira de Rádio e Televisão (ABERT)", finalizou Sergio Lopez.

- LOBBIES -

A imprensa além de responder as questões que estão bem à vista de nossos olhos, tem a obrigação de mostrar aquelas que passam detrás das galerias do plenário. Os famosos lobbies. A União Democrática Ruralista (UDR) já se

prepara para lotar a Assembleia Legislativa nos momentos de decisão da nova Carta. O presidente da UDR, regional de Lages, Roberto de Andrade Lopes, 40 anos, garante que a principal pressão em cima dos deputados será para a definição de uma política agrícola estadual. A principal preocupação dele, como a de todo o latifundiário, é definir qual a função social da terra e quando uma propriedade é considerada produtiva.

Baseados numa emenda do deputado Florestan Fernandes (PT/SP) que garante aos estados o direito de constituir fundações para o sustento à investigação científica, os cientistas vão pressionar os deputados para a criação de uma fundação nestes termos em nosso estado.

Já o coordenador estadual da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Carlos Bellé, confirmou que a entidade vai lutar pela formação de um juizado, com competência única de decisão na questão dos conflitos agrários. Além disso, a CPT pretende que o estado garanta ao produtor rural um seguro agrícola de sua plantação. Para Carlos Bellé, "este é o momento de sensi-



Mussolini sentiria orgulho

bilizar a opinião pública sobre a batalha dos sem-terra, e não os deputados, que na sua maioria não defendem os interesses dos trabalhadores."

João Grando

# Corrupção em alta voltagem



Pressões internas, suspensões, demissões, contratos de idoneidade duvidosa, perseguição política, destituição de funcionários que ocupavam cargos de confiança, coação de empregados. Este é o clima que predomina nas Centrais Elétricas de Santa Catarina desde que Nogert Wiest assumiu a presidência. Agora em outubro, por exemplo, Walter José Ouriques, empregado da CELESC há mais de vinte anos, foi suspenso por trinta dias. Motivo: revelou o surgimento de listas que os funcionários foram coagidos a assinar, sob pena de demissão. As listas, na verdade, sugerem a negociação paralela indireta, desconsiderando o papel do sindicato.

Mas as irregularidades não param por aí. No mesmo mês, o secretário do Sindicato dos Eletricitários, Delman Ferreira, denunciou a existência de sete contratos suspeitos feitos pelo presidente com firmas de locação e prestação de serviços. O caráter de suspeição, de acordo com o diretor do Sindicato de Base da CELESC, está no fato dessas firmas receberem em OTNs (uma delas em OTN/hora) e não prestarem nenhum

serviço realmente necessário. Pelos documentos, as contratadas estão incumbidas de apenas supervisionar o trabalho executado pelos funcionários da contratante. Além disso, João Paulo de Souza acha "muita coincidência" que a maior parte destas firmas sejam de Joinville, terra natal de Nogert, e de quem uma das contratadas pertença a um parente de sua esposa. Para João Paulo, isso é um "típico caso de nepotismo".

O assessor de imprensa do Sindicato dos Eletricitários concorda com ele. Gastão Cassel acrescenta que "ao mesmo tempo em que a empresa se nega a pagar maiores salários para os funcionários, não se abala em efetuar contratos desnecessários e de custos tão altos".

Um ponto importante mencionado pelo jornalista respon-

sável pelo "Linha Viva" (o jornal dos eletricitários), é a luta que o sindicato travou com a empresa para tentar manter a cláusula de estabilidade de emprego. Sem esta, explica, o número de demissões pode aumentar. De acordo com Gastão, ano passado a empresa demitiu muitos funcionários, mas o sindicato conseguiu a reintegração da maioria através da Justiça. "Sem a estabilidade, isso não será possível", adverte.

### GESTÃO PARTICIPATIVA?

O Sr. Nogert Wiest trouxe uma inovação para a CELESC: a chamada "Gestão Participativa", ou "Comissão Mista", ou ainda "Círculos de Controle de Qualidade". Apesar de tantos nomes, a Gestão Participativa tem apenas uma função: aumentar a produtividade e, con-

seqüentemente, o lucro da empresa. Mas conforma a opinião de Maria Margarida Dantas - profissional de recursos humanos da ELETROSUL que já participou de um treinamento em CCQs - "essas comissões visam desestabilizar os sindicatos".

Comissões mistas são grupos de empregados com respaldo da direção, diretamente subordinado à presidência, que dizem representar os funcionários. Tem sempre um padrinho, geralmente um diretor. "É para causar simpatia", ironiza ela.

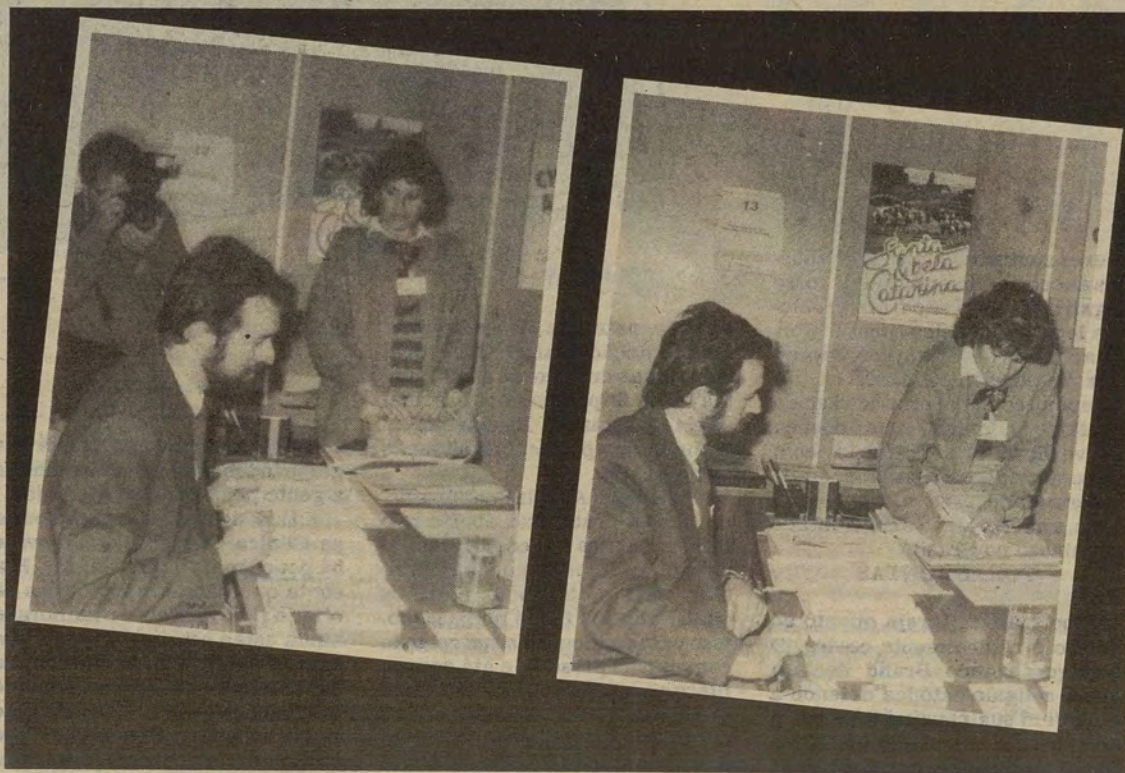
Teoricamente, os empregados são estimulados a participar através de jogos, reuniões e outras atividades. Quem produz mais é o recompensado com bonés, chaveiros, medalhas, churrascadas ou, em alguns casos, com prêmios maiores, como eletrodomésticos e relógios.

Abixo assinados, empregados da CELESC, lotados no CROM da Florianópolis, reunidos no dia 11/10/88 para apreciar as propostas apresentadas pelo GTST para o Acordo Coletivo 88/89, decidiram que:

- 1 - Aceitamos as cláusulas apresentadas para fins de Acordo Coletivo de Trabalho 88/89 na CELESC, consoantes nos Boletins anexos do GTST nº 07 e 08/88.
- 2 - Aceitamos para fins de acordo o que segue: A CELESC concederá um Adiantamento Salarial no mês de outubro/88 no percentual de 21,35% (vinte e um por cento e trinta e cinco centésimos) em três parcelas de 6,65% (seis e sessenta e cinco centésimos) nas meses de fevereiro, março e abril de 89.
- 3 - Que esta lista seja imediatamente enviada ao Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis para que tome as providências legais para fins de homologação final.

Matrícula	NOME	Assinatura
3055	Abel Halberstein Wolf	[Assinatura]
3472	Felipe Augusto	[Assinatura]
4141	Albino Schenck	[Assinatura]
4159	Albino Schenck	[Assinatura]
4161	Albino Schenck	[Assinatura]
4162	Albino Schenck	[Assinatura]
4163	Albino Schenck	[Assinatura]
4164	Albino Schenck	[Assinatura]
4165	Albino Schenck	[Assinatura]
4166	Albino Schenck	[Assinatura]
4167	Albino Schenck	[Assinatura]
4168	Albino Schenck	[Assinatura]
4169	Albino Schenck	[Assinatura]
4170	Albino Schenck	[Assinatura]
4171	Albino Schenck	[Assinatura]
4172	Albino Schenck	[Assinatura]

Coagidos a assinar



A Celesc teve que engolir a reintegração de muitos demitidos

"Na realidade os CCQs são uma forma de apelar emocionalmente para obter mais lucro. Cursos em bons hotéis, elogios, bajulações, distribuição de balinhas, joguinhos, prêmios; tudo isso atinge as pessoas enfadadas da rotina", enfatiza Margarida. Acrescenta que, além de menosprezar a capacidade dos funcionários, oferecendo prêmios insignificantes se considerarmos o lucro que estes podem dar às empresas, essas condições tentam desestabilizar o sindicato, pois é ele quem representa os trabalhadores perante a lei. "Os CCQs não tem peso legal", finaliza.

Procurada pela reportagem do ZERO, a direção da empresa limitou-se a três palavras: "nada a declarar". Aliás, uma resposta que lembra as evasivas utilizadas pelo regime militar no tratamento com a imprensa.

Ana Luiza Miliotti Coelho.

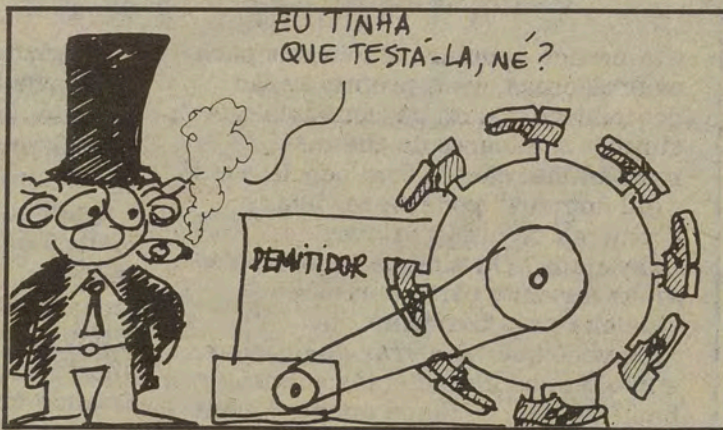
## Patrões jogam a Carta no lixo

A Constituição brasileira, versão 88, não conseguiu ficar um mês invicta. Até a primeira semana de novembro, mais de 60 trabalhadores de quatro indústrias de fiação e tecelagem de Brusque foram demitidos por se recusarem a cumprir uma jornada de trabalho superior às 44 horas semanais agora regulamentadas por lei. Sem justa causa, as empresas despendem até mesmo empregados com mais de 30 anos de serviço. O Sindicato entrou com quatro cautelares na Justiça, exigindo o cumprimento do item XIII do Artigo 7º da nova Carta.

Os operários demitidos afirmam que as fábricas Buettner, Schösser e do conglomerado Renaux estão coagindo os trabalhadores a assinar um termo individual de acordo, aceitando um regime de trabalho de "onze por um", ameaçando-os da dispensa caso recusem. Na prática, os trabalhadores teriam uma semana de 48 horas - de

segunda a sábado -, intercalada com outra de 40 horas - de segunda a sexta - e um adicional de salário de 10%. As quatro horas extras da primeira semana não seriam pagas como tal, mas seriam "descontadas" na semana seguinte. O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Brusque diz que 92% dos operários são a favor do cumprimento da Constituição e da manutenção das folgas como deveriam ser, segundo dados de uma pesquisa realizada pelo próprio Sindicato. Isso ficou claro no sábado, 22 de outubro, na primeira semana em que deveria funcionar o esquema, quando a maioria dos empregados se recusou a ir além das quatro horas de trabalho. Então vieram as dispensas e intimações, e o clima de tensão se instaurou nas fábricas.

Há uma "tentativa deliberada das indústrias de desmoralizar o Sindi-



cato, lançando no meio dos operários a notícia de que a Diretoria teria concordado com o 'onze por um'", diz João Decker, tesoureiro da entidade. Confundir os trabalhadores tem o

objetivo de facilitar a concordância com o termo, através da desunificação da categoria.

Além disso, as quatro grandes indús-

trias têm pressionado as pequenas e médias empresas a adotarem o mesmo sistema, ameaçando com a possibilidade de corte dos pedidos. No entanto, o Sindicato dos Trabalhadores já manteve um acordo com as empresas não ligadas à associação das indústrias, no sentido da não aceitação da "proposta".

Nas demais fábricas de fiação e tecelagem do Vale do Itajaí a situação está legal. Em Brusque, há a expectativa de mais demissões, que seriam retaliadas ao movimento de 22 de outubro. Os mais visados continuam a ser as lideranças sindicais, mas não se sabe qual vai ser o próximo golpe. "Estamos esperando os resultados das cautelares", diz João Decker.

Jacques Mick

# Vida Bandida

*Gravidez indesejada. Dias de angústia. Decisão tomada: aborto. Escolhido o local entre os inúmeros na cidade que fazem do aborto o seu ganha-pão, é só submeter-se aos métodos usados e correr o risco de morte por infecção.*

A situação do aborto no Brasil já virou calamidade pública. São realizados 4 milhões de abortos clandestinos por ano. Quatrocentas dessas mulheres morrem.

Estas mortes resultam de abortos realizados sem as mínimas condições de higiene, às vezes por médicos, às vezes por pessoas totalmente desqualificadas. A maioria das vítimas são adolescentes sem qualquer noção do que significa planejamento familiar. Elas recorrem às chamadas "curandeiras" que utilizam sondas, injeção de elementos tóxicos como a creolina e o formol, ou a introdução de agulhas de tricô e cabides. As conseqüências são a gangrena, o tétano, perfurações, roturas, lesões no colo e no útero.

Em Florianópolis, uma destas curandeiras está deixando de exercer o seu ofício por estar trazendo complicações ao seu filho que é da Polícia Militar. Ela está atendendo apenas as clientes antigas ou por recomendação delas. Por um preço bem mais alto, a gravidez indesejada poderia ser resolvida na clínica do Dr. Onorí, se ele não estivesse com o seu diploma cassado pela morte de uma de seus pacientes. Ambos os casos foram relatados por uma prostituta que também realiza abortos pelo preço simbólico de 5 mil cruzados e a compra da sonda pela paciente.

As prostitutas da cidade consideram a gravidez como "acidente de trabalho". A maioria já fez de 3 a 8 abortos por elas mesmas com remédios caseiros e a introdução de objetos pontiagudos, ou nas curandeiras com sonda de borracha. Elas avisam que sonda deve ser retirada logo depois que a "bola" descer, e depois ir direto para uma maternidade tomar soro e fazer a curetagem. Todas preferem a Maternidade Carmela Dutra por não pedir a autorização do marido ou responsável, ao contrário do que faz a Carlos Corêa.

O diretor da Maternidade Carmela Dutra, Jorge Abi Saad Neto, conta que são realizados cerca de 30 curetagens em abortos infectados por mês, e os óbitos são de cinco a oito por ano. Ele considera a situação do aborto no Brasil lamentável, mas não concorda com a sua legalização: "As mu-

lheres continuariam a fazer abortos às ocultas mesmo que ele fosse legalizado; este não é um problema legal e sim psico-social". Jorge acha que deveriam ser ampliadas as possibilidades do aborto terapêutico. Isto seria no caso da gestante adquirir uma doença grave durante a gestação, com risco de vida para ambos, ou de deformidade para o feto. Neste caso, o aborto ainda é considerado criminoso no Brasil.

#### COXAS JUNTAS

A posição da Igreja quanto ao aborto é radicalmente contra. O teólogo Orlando Brand declara que a religião católica defende a vida "em sua plenitude", e que o aborto é um "assassinato camuflado". Para a Igreja, o aborto só é aceitável em caso de risco de vida para a mãe.

Quanto a questão do aborto em caso de estupro, o padre Brand disse que o catolicismo não aprova

"pois a natureza deu à mulher uma proteção natural. O fato dela ter as suas duas coxas muito juntas torna impossível o ato sexual se ela não quiser". Provavelmente ele nunca passou por situação semelhante...

A psicóloga Angela Schillin afirma que a prática do aborto não traz só danos físicos: "Com o passar do tempo a mulher adquire uma série de traumas, entre os quais, abortos feitos no passado. Isso vem a dificultar a sua relação com outras pessoas, e até com os filhos que ela deixou nascer". Este é o caso de A.M.L., 32 anos, mãe de um filho de oito, que fez um aborto dois anos antes dele nascer. Ainda hoje ela teme pela vida do menino numa represália de Deus pelo que fez com o outro filho. Ângela disse que este tipo de neurose é resultado de uma herança religiosa "onde

a mulher é vista como aquela que gerou todos os pecados do mundo e a gente paga por isso até hoje".

A.E.R. de 21 anos fez um aborto na Clínica Condeixa de Joinville há pouco mais de dois meses. Ela conta que não teria condições de criar o filho pois ela e o namorado ainda estão estudando e não têm uma relação muito firme. Sobre a experiência, A.E.R. disse que "é um mal necessário. É preciso que o aborto seja legalizado para que as mulheres sem condições financeiras possam ir a uma boa clínica e não morram por falta de assistência". Ela disse ainda que não faria o aborto de novo porque "seria muita burrice. Agora, de-

pois do que aconteceu, eu passei a tomar pílula anticoncepcional".

#### O ABORTO E A LEI

Nas legislações de antes do cristianismo, a mulher tinha plenos poderes sobre o seu corpo, podendo optar ou não pelo nascimento de seus filhos. Em Esparta, na Grécia antiga, era o Estado quem determinava os abortos. Isto acontecia quando a criança não tinha condições de se tornar guerreira.

Pelo atual Código Penal Brasileiro, o aborto só é permitido em caso de estupro ou de risco de vida para a mãe. No segundo caso, o aborto seria legal se a mulher estuproada estiver com uma grande dilatação no canal cervical e hematomas pelo corpo, evidenciando sua resistência. Nos demais casos, a lei pune a mãe e os cúmplices com um a três anos de prisão, e na nova Constituição, o tema aborto foi relegado às leis ordinárias que ainda não foram votadas.

Sônia Maluf, professora do curso de Jornalismo da UFSC e militante na luta da libertação feminina, deixa bem clara a sua opinião: "As mulheres esperam que a sua saúde física e mental seja levada em conta da próxima vez que debaterem o assunto aborto. Talvez a pílula francesa RU486 possa ser a solução em último caso. O importante é que a geradora da humanidade volte novamente a ter autonomia sobre si própria".

Renata Rosa



Ele é o centro das discussões

## Aborto em casa

A crença popular dá soluções para os problemas que a própria razão desconhece. Quem desconfiaria que simples suadouros de chá de massanilha, canela com cebola e cipó "mil homens" poderia resolver o problema de uma gravidez indesejada? Ou ainda a ingestão de vinho fervente com sonrisal e cibalena para o mesmo fim?

Se você quer se livrar do problema e não tem os ingredientes acima, basta sentar na chapa quente de um fogão a lenha que terá o mesmo resultado. Só se levante rápido, do contrário você não mata só a criança.

Ou se você é do tipo que gosta de

prestigiar a medicina moderna, duas pílulas de Ginecocid ou Nestrogen durante uma semana acabarão com os seus problemas...e com a sua saúde também. Detalhes.

Quem usa destes ou qualquer outro método de aborto dificilmente confessa. Isto porque as pessoas fecham os olhos para o que é de difícil digestão, e ainda vêem o aborto como coisa do outro mundo. Quando for encarado com naturalidade e não como um tabu, o aborto só será feito quando necessário e em condições mais humanas.

# Maconha é permitida do outro lado da rua

**Segurança no Campus faz a cabeça do procurador Marco Aurélio**

Desde que um carro preto e amarelo começou a circular pelas ruas da Universidade, há quase um ano, os consumidores de maconha passaram a ter dificuldades na área do Campus. Com a preocupação da reitoria em diminuir esse tipo de comportamento, implantou-se uma mini delegacia perto do RU, contratou-se uma equipe de seguranças para realizar rondas a pé e adquiriu-se dois carros com o objetivo de vigiar as ruas e prestar auxílio aos vigilantes. Conseguiram diminuir os arrombamentos em veículos, o consumo de tóxicos e não se teve mais notícias de tentativas de estupro, como as duas registradas ano passado. Mas acabaram surgindo críticas do modo como é feito esse controle.

Hoje, o aluno encontrado fumando é levado à mini delegacia, onde está o chefe da segurança, João Ceccatto, e este o encaminha à sala do procurador geral da universidade, Marco Aurélio Moreira, que afirma dar um tratamento diferenciado aos alunos consumidores. "Não os entregamos à polícia, mas são liberados somente depois de eu conversar com seus pais", diz ele, alertando que esse tipo de procedimento visa educar o aluno. "Nosso objetivo não é reprimir e sim conscientizar o usuário para os malefícios da droga", anuncia. Se a aula de orientação educacional e a atitude paternalista do procurador convence, é difícil saber.

De concreto, somente que ele não faz nada além disso na sua política de conscientização e, de quebra, os alunos denunciavam barbaridades da parte dos seguranças. Um exemplo aconteceu mês passado, quando um casal acabou agredido pelo despreparo de um guarda. Eles não estavam fumando a erva maldita, mas o segurança achou obsceno o fato do rapaz estar sentado sobre a barriga da namorada num gramado perto da mini delegacia. Ele foi detido e a garota levou um safanão na boca. Esse guarda foi chamado de ignorante pelo seu próprio chefe.

**SÓ DEPOIS DA CERCA**

Indiscutíveis os benefícios adquiridos pelos universitários em se tratando de proteção contra furtos e agressões a partir da implantação do sistema. Mas, no outro extremo, são gritantes as falhas na política de conscientização anunciada pelo procurador. Marco Aurélio afirma que não é contra o consumo de maconha. Pelo contrário, ele pouco se preocupa com o que combate aqui dentro, caso seja feito fora da área do campus. "Se o aluno que fumar lá fora o problema é dele, quero é fazer cumprir a lei e na Universidade ninguém deve consumir", afirma, anunciando a transferência dos fumantes para fora de sua administração: "Estão fumando e traficando ali na praça Santos Dumont, ao lado do Comper".

Apesar das boas intenções em entregar a bomba diretamente nas mãos da família, Marco Aurélio driblou bem e passou adiante o abacaxi. A conscientização o preocupa somente enquanto o caso estiver no âmbito da universidade. Entretanto, pouco resolve o aluno dar três passos, fumar um baseado e



O comércio do baseado é tranquilo na praça

voltar para a aula de cabeça feita, certo de que não vai passar pelo pito do segurança. Afinal, não seria melhor se o caso fosse visto sem tantos preconceitos e tratado abertamente entre alunos e reitoria? Além disso, sindicâncias como a instaurada no curso de Arquitetura (veja matéria nessa edição) não é repres-

são?

Para não passar em branco, Marco Aurélio anuncia a implantação de um grupo de orientadores que ministrarão palestras para alunos e funcionários sobre o problema da droga. Certamente os assistentes não serão os mesmos que frequentam a praça Santo Dumont, mas pode

ser que por aí esteja o início de um diálogo entre os consumidores e orientadores. E até pode ser que os alunos se convençam de que parar de fumar maconha é a solução.

**Marques Indio Casar**

## A Patinha, um ano depois

No dia 23 de outubro do ano passado, os jornais catarinenses encontraram um bom motivo para vender como nunca. Estava descoberta a "Gang da Aids". Caso inédito em todo o país, a trupe que envolvia drogados e prostitutas veio jogar um balde de água fria na pretensa moral desta província. Um ano depois do escândalo as marcas continuam e de nada adiantou tanta fofoca. O delegado Elói Azevedo ficou mais famoso do que já era, os patrões da classe operária do jornalismo estão mais ricos, o verão na Ilha foi posto sob suspeição e teme-se que os turistas optem por se despir em praias alheias. E a Gang?

Sem o charme das gangues das

ruas de Los Angeles, a subnutrida "Gang da Aids" acabou. Zu e Zé Dedinho, com ou sem o vírus, encontram-se em lugar ignorado. Patrícia Oliveira, possivelmente a líder, voltou para Jaguaruna. A menor M.R. que entregou todos à Polícia, está muito bem em Porto Alegre. E a Patinha, estrela do grupo, não é mais a mesma.

Com todas essas referências, numa cidade como Florianópolis, não é muito fácil sobreviver. Depois do escândalo, que aconteceu graças à imaginação fértil de M.R., aliada à sede de "furos" dos jornais e o desespero das autoridades diante do inédito, Patinha fi-

cou famosa. Com 18 anos de idade, já teve os seus 15 segundos que, segundo Andy Warhol, lhe cabiam.

"Agora, estou sozinha. Não consigo emprego, ninguém acredita que eu não tenho Aids", diz. Ela, Patrícia Rosana da Silva virou Patinha porque eram duas Patrícias. Reconhece que nunca foi santa, mas prostituta "não fui e não pretendo ser", diz. "Eu não ligo para o que os outros falam, pego carona, ando sozinha, meus amigos me abandonaram. Parei de usar coca na veia, e só fumo um baseado de vez em quando". Ela afirma que nunca emprestou a seringa para ninguém nas sessões que eram

feitas no apartamento. "Esse negócio de pacto da Aids não existe."

Atualmente, a Patinha mora com os pais, na Lagoa da Conceição, e pensa em sair de Florianópolis, para uma cidade maior, onde ninguém a reconheça. Teve até que cortar o cabelo, com medo de ser lynchada no meio da rua pelos guardiões da moral e dos bons costumes. Apesar de tudo, reconhece que aprendeu muito e só se arrepende de ter acreditado na imprensa na Polícia. "O Elói pagava rango pra gente entregar os traficantes". Acredita em Deus e tem muita fé, mas não confia mais nas pessoas. "Prefiro andar sozi-

nha". Durante o dia inteiro, o que a "prostituta" faz é ficar em casa, andar pela Lagoa, cuidar do sobrinho à tarde e ver televisão à noite. Só que, para a grande maioria das pessoas, é mais fácil acreditar que ela é das de "vida fácil" mesmo, e assunto encerrado. Alguém já disse que "os ignorantes são os que mais opinam", e parece que serve muito bem nesse caso. "Quero me casar e ter filhos, um dia," diz. Pretende também retomar os estudos, que parou na 8ª série. Quer recomeçar. "Eu errei, todo mundo erra. Não é?"

**Denise Bezerra**

# Consumo de drogas na UFSC ainda é discutido sob cortina de fumaça

O uso de drogas pode ser escolha pessoal, reflexo de desajustes, caso de polícia, ou problema de saúde pública, dependendo de quem examinar a questão. Para a diretora do Centro Tecnológico, Helena Amélia Stemmer, parece se tratar de ato a ser cobrado, tanto que solicitou à Reitoria providências sobre denúncias de que os alunos do curso de Arquitetura estariam fumando maconha dentro da sala de aula. Resultado: uma Comissão de sindicância foi instalada para investigar o caso.

Nesta mesma linha o procurador-geral da UFSC, Marco Aurélio Moreira, propôs que o Serviço de Segurança do Campus passasse a atuar na repressão dos usuários de drogas. Mais flexível, mas nem por isso menos preocupado, o chefe do Departamento de Arquitetura, professor Nelson Vaz, diz não concordar que se trate o assunto como atitude criminosa, a ser reprimida por autoridade policial. Para ele e demais professores do Departamento, o episódio despertou várias dúvidas sobre qual a melhor maneira de lidar com a questão, porém descartaram medidas repressoras. Ele diz que o caso suscita um questionamento sobre a autonomia da Universidade e sua função educadora e admite, contraditoriamente, como saída para o impasse, a aplicação da

lei que proíbe o fumo nas repartições públicas. Assim, diz, seria evitado "qualquer tipo de fumaça".

## REPRIMIR OU TRATAR?

Se reprimir não é o verbo mais adequado, qual seria? Tratar? Quem usa drogas é um doente a precisar de cuidados especiais? O professor do Departamento de Psicologia, Mário Ferreira, não acha. Ele vê repressão e preconceito em qualquer atitude em relação ao usuário de drogas desde as propostas de tratamento, "coisa que ele não procura e não precisa", até, e muito mais, nas ações com conotação policial como a lembrada pelo procurador geral da UFSC. Para Mário, drogar-se ou não, é uma escolha pessoal. Não deve ser encarada com alarme e espanto. Fumar maconha ou tabaco é equivalente, na sua opinião. Clélia Schultz, professora de Psicologia Social, entretanto, diz que o consumo de drogas "não pode ser visto como algo inofensivo".

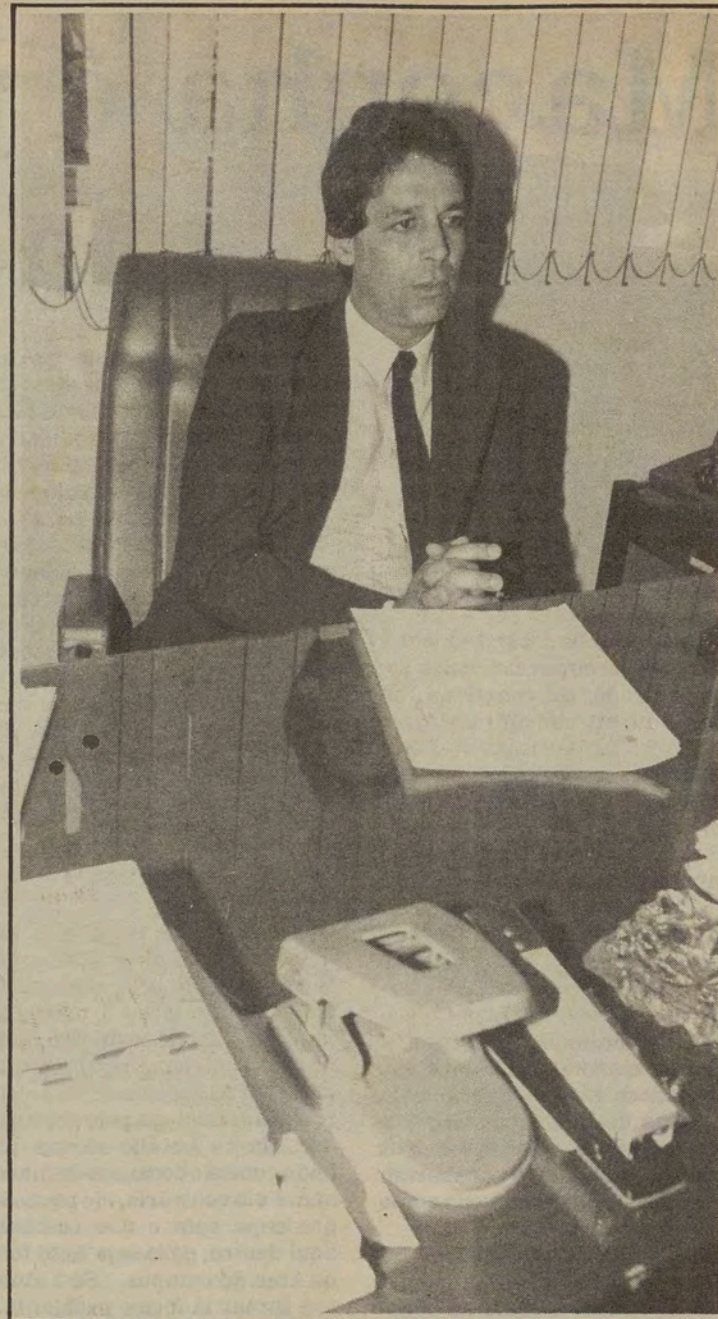
A maconha, lembra, pode se tornar um trampolim para outras drogas, e acrescenta ser necessária uma avaliação mais concreta sobre as proporções do assunto, que dentro da Universidade como do país. "No Brasil, o governo deveria propor ações articuladas para tratar com seriedade o problema", diz Clélia. E constata que

o assunto não é considerado na área Saúde Pública.

Contra a repressão e duvidando de que a questão tenha na Universidade as proporções imaginadas pelo procurador-geral, o professor Sérgio Scotti, supervisor de estágio do Curso de Psicologia, admite que, em alguns casos, o uso de drogas possa trazer conseqüências mais sérias para a pessoa. Entretanto, ressalva: "tudo é muito relativo". Vê a história de vida de cada um, as características de personalidade, como determinantes para a droga se transformar numa forma de preencher outras carências ou ser consumida por prazer.

O SAPSI (Serviço de Atendimento Psicológico), criado pelo Departamento de Psicologia, não é uma alternativa para auxiliar possíveis casos de dependência. Ele serve de campo de estágio, explica Sérgio. Além de não terem experiência, os alunos atendem durante um semestre apenas, tempo insuficiente para cuidar de casos complexos. A criação de uma clínica-escola, idéia que começa a se esboçar no Departamento, talvez pudesse exercer esta tarefa, mas antes seria preciso diagnosticar a demanda.

**Rosângela Bion**



O procurador Marco Aurélio

Philippe Arruda

## “Drogas são alternativas à utopia”

A droga hoje não pode mais ser pensada de uma forma isolada. Sua participação como um elemento da sociedade contemporânea nos obriga a ver a maconha, a cocaína, dentro de concepções sociológicas. A opinião é da socióloga Ilde Scherer Warren, ao ver como principal causa do consumo de drogas a desmotivação e apatia em que vivem os jovens hoje.

“O estudante precisa de uma utopia, construir sonhos, para em cima dessas paixões acreditar numa perspectiva de futuro”, analisa a professora. Doutora em sociologia pela Universidade de Sorbonne (França), Ilse acredita que “a ditadura militar, a repres-

são, a complexidade da sociedade atual, no Brasil e no mundo, tiraram a possibilidade de os jovens construírem - ao menos mentalmente - um projeto de futuro”. Diante disso, acrescenta, a droga se colocou como alternativa mais próxima para a construção dos sonhos da juventude.

De acordo com a socióloga, “o jovem, porém, poderia expressar sua paixão de uma forma positiva, tendo em vista uma sociedade melhor, através da luta política”. Portanto, para Ilse, a droga não deixa de ser um mecanismo de fuga. Um meio para construção de uma falsa realidade. “A droga comprova apenas a necessidade

do ser humano possuir sonhos e paixões”, reafirma.

“Usar mecanismos de repressão, para combater o consumo de drogas, não adianta. Por este caminho os jovens vão continuar a usá-las. Precisamos encontrar um substituto para as drogas” reage a socióloga à proposta da reitoria em aumentar a segurança do campus no sentido de combater o uso da maconha & cia. “A Universidade tem que se preocupar em transformar o processo de educação. Temos que criar fórmulas educacionais com vistas a envolver o jovem de uma forma mais subjetiva. Uma educação que proporcione ao estudante esti-

mulo e a oportunidade de ter utopia”, conclui Ilse.

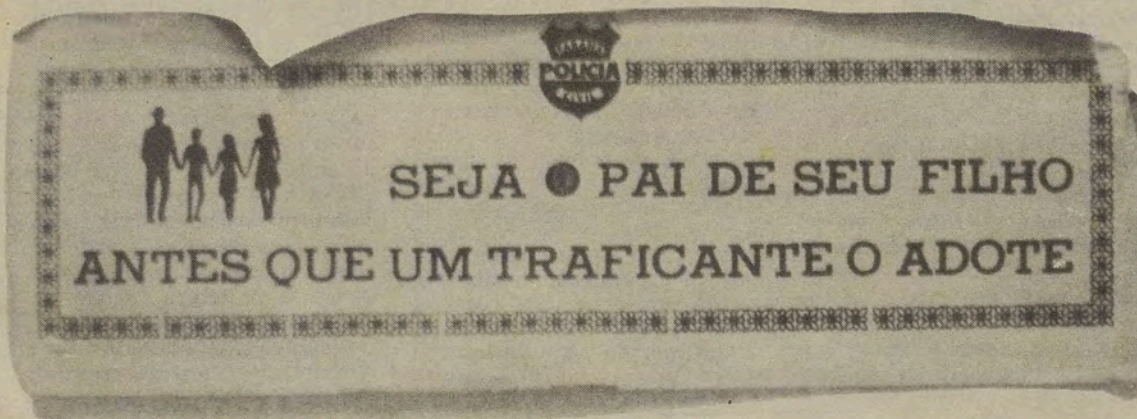
## ESTUDANTES

E o próprio jovem, será que enxerga o problema da droga sob o mesmo ângulo? O universitário F.G., 22 anos, concorda com a opinião da socióloga. Consumidor habitual de maconha, F.G. acha que, sobretudo, os homens de hoje são instrumentos do sistema. “As pessoas buscam alternativas para uma liberdade inexistente. A maconha pode ser fuga para alguns, status para outros, porém não é empecilho para se lutar por uma sociedade melhor”, desabafa. Já outro estudante, D.I., 23 anos, não fumante - diz que o marasmo ocasionado pelo uso de drogas

serve de alavanca de sustentação do sistema capitalista vigente.

As diferenças continuam. Uns fazem distinção entre droga moderna, da sociedade capitalista - a cocaína - e a droga dos “pés de chinelo” - a maconha, conforme definição de C.G., 20 anos. “Maconha é que nem cachaça, ela foi endeusada pelo capitalismo, libera e ninguém mais quer. Droga hoje é cocaína”, enfatiza. C.G. acha também, que os usuários de maconha, “não sabem da necessidade do trabalho e da luta para se mudar a estrutura das coisas”.

**João Carlos Grando**





# Maconha rola solta no 2º grau

O consumo de tóxicos nas escolas de 2º grau de Florianópolis é um dos graves problemas que a comunidade tem que enfrentar. Seja por auto-afirmação, prazer, fuga ou simplesmente curiosidade, a quantidade de estudantes viciados, dependentes, consumidores e traficantes atinge um número assustador.

F.L. tem 16 anos e estuda no Colégio Simão Hess. Consumidor desde os 14, teve passagem por vários educandários, como Colégio Catarinense, Barddal e Instituto Estadual de Educação. Ele afirma que em todas as escolas por onde passou, os alunos consumiam algum tipo de droga. "Geralmente o que rola é maconha, lança-perfume, clorofórmio e

às vezes até cocaína". Segundo ele, é muito raro encontrar um estabelecimento onde não ocorra esta situação. "Acho que em todos os colégios têm alunos consumindo", opina.

Ao contrário do que frequentemente se divulga, F.L. garante que não existe o traficante de porta-de-escola. Segundo ele, os alunos viciados adquirem a droga na casa do fornecedor e levam para consumir no colégio. Lá, oferecem para um estudante mais novo. Depois de um certo tempo, este se torna outro consumidor e vai daí por diante.

F.L. consome drogas para ir a festas, assistir "algumas" aulas ou para passar o tempo.

"Primeiro você é apresentado ao álcool, depois ao lança-perfume e à maconha. Daqui em diante só com muito dinheiro, pois é droga pesada". F.L. não teme a dependência da droga, pois acha que tem condições de parar quando quiser. "Sei que é difícil, mas por enquanto eu quero mais é curtir", explica.

Sobre a polícia, F.L. afirma que repressão não resolve nada. Acredita que muita gente consome drogas porque é reprimido. "Se eles liberassem as drogas mais leves, como lança e maconha, o número de adeptos baixaria bastante. É como aquele provérbio: tudo que é proibido é mais gostoso".

## Repressão ao consumidor: mais forte que efeito da droga

"Enquanto não dermos maior assistência aos menores, estaremos construindo um exército de marginais". A opinião é da Promotora de Justiça, Márcia Aguiar Arend, com relação ao consumo de tóxicos por menores. Segundo ela, "se o Governo desse mais atenção ao menor, diminuiria bastante a criminalidade infantil e juvenil, que é muito maior que a adulta". Ela reclama que poucas verbas são destinadas aos trabalhos com menores. "É um investimento a longo prazo. O governo prefere aplicar em obras que dão lucros imediatos", observa.

Márcia conta que dificilmente estudantes consumidores são levados até o Juizado de Menores, com o que concorda a delegada do 6º Distrito Policial, Lúcia Maria Stefanovich. A delegada é dura: "os estudantes não sofrem nenhum tipo de repressão, e isso é uma atitude errônea dos diretores, pois os usuários precisam ser punidos".

A diretora do Colégio Barddal, Herta Kieser acompanha a posição da delegada. "Primeiro faze-

mos um contato com a família. Se o problema não for solucionado, aí sim levaremos até o conhecimento da polícia", afirma a diretora que diz enfrentar muitos casos desse tipo. Para o diretor do Curso Geração, Professor Edson Osni Ramos, só a repressão resolve. "Se algum aluno for encontrado fumando, cheirando ou traficando aqui dentro, será imediatamente expulso", promete.

No Colégio Catarinense, o orientador educacional Telmo Vieira, conta que usuário não é caso de polícia, mas o traficante é. "Não exercemos papel de policiais, somente orientamos o aluno envolvido, juntamente com a família" garante. Segundo ele, o tradicional educandário católico está trabalhando com palestras, seminários e orientação para combater este problema. Já no colégio público Simão Hess, existe grande consumo de tóxicos. A coordenadora, Marina de Andrade, também trabalha junto com a família do estudante consumidor. "Ocorreram muitos casos de tráfico dentro do colégio, mas já informamos à poli-

cia e com isso o índice baixou bastante", assegurou a coordenadora, que é favorável à prisão do fornecedor. Seus filhos chegaram a ser ameaçados na rua, mas ela não tem medo de traficantes. Dá a eles um recado: caso venha acontecer algum problema a seus filhos, parte para agressão da mesma forma. "A minha família faria justiça com as próprias mãos", confessou.

### MENORES DE RUA

Como os casos relatados dificilmente são levados ao conhecimento da polícia ou do Juizado de Menores, a maior parte das crianças encontradas nesses órgãos é composta de menores de rua. Eles são entregues ao 6º Distrito Policial, onde a delegada os encaminha até o Juizado. Lá, de acordo com o artigo 16 da Lei 6368, de 1976, do Código de Menores, o uso ilícito da droga determina a instauração de um processo de Verificação de Situação Irregular, imposto pelo juiz.

O processo aplica medidas que

constam no artigo 14 da Lei 6697, de 1979, do mesmo código. Pode ser uma advertência, a entrega aos pais ou responsáveis ou, ainda, destinação de lar substituto. Estas três medidas são determinadas em uma audiência de apresentação ao juiz, sendo sua aplicação de responsabilidade do Poder Executivo. Medidas mais severas - imposição de regime de liberdade assistida, semi-liberdade, residindo em casa, internamento em hospitais, instituições e até cadeia pública - são de responsabilidade de um grupo de profissionais.

Pedagogos, sociólogos, psiquiatras e terapeutas fazem um estudo profundo do menor. Após este acompanhamento, o grupo determina o tempo necessário para recuperação. Nem sempre as conclusões do grupo de estudo condizem com a posição do Juizado de Menores. "Discutimos até que se chegue a um consenso", explica a promotora de Justiça Márcia Arend. Ela afirma que existem poucas instituições especializadas na recuperação do viciado.

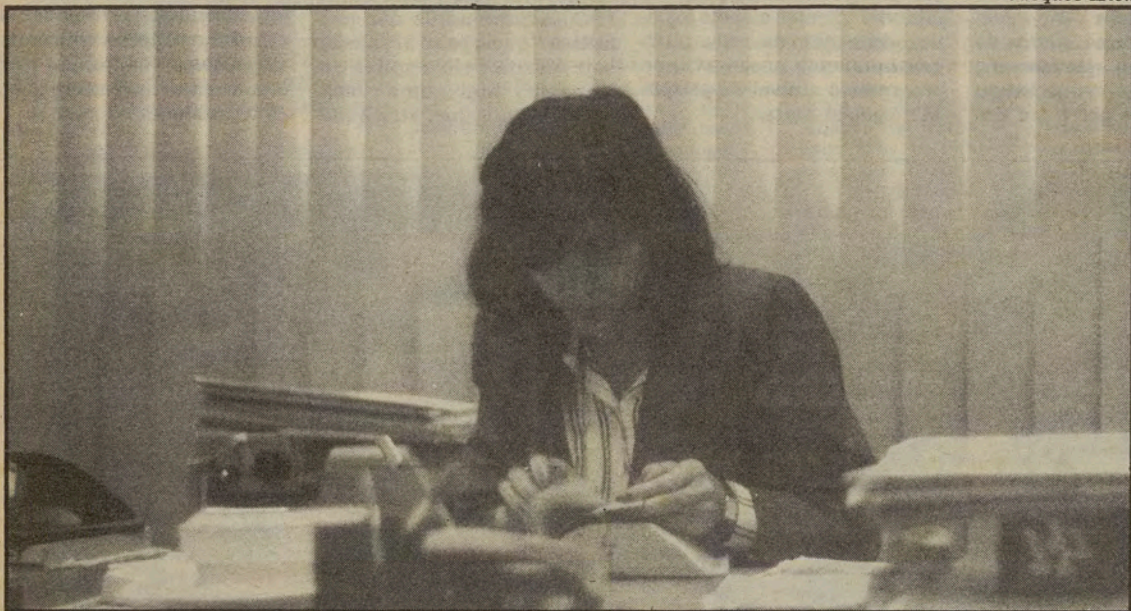
"Os menores ficam sem a devida assistência, e não é só problema de Santa Catarina, mas de todo Brasil", lamenta.

### MOTIVOS

Os consumidores se drogam por vários motivos: auto-afirmação, prazer, fuga de problemas sociais ou outro qualquer. Os diretores e orientadores apostam na teoria de que a procura por tóxicos é simplesmente auto-afirmação. Já o Juizado de Menores e a polícia acreditam que seja uma fuga dos problemas familiares, sociais, econômicos. Os pais "corujões" acham que é apenas uma ligeira curiosidade. Mas a grande maioria dos consumidores afirma que é um vício muito gostoso. E um deles questiona: "E o prazer? Será que o consumo de drogas não é provocado por uma enorme vontade de sentir prazer?"



Rafael Masseli



A promotora de Justiça, Márcia Aguiar Arend

Jacques Mick

FURO DE  
REPORTAGEM

# Presas no Campus

Philippe Arruda

Carlo Gambino  
Paulo Otávio  
Alex Coutier

Uma operação de guerra. Essa é a definição para ação do Serviço de Segurança da UFSC, que conseguiu prender, na quinta-feira, 13, as duas últimas meninas que ainda não fumavam maconha no campus.

A.K.L., 17 e J.H. 16, foram presas por 18 homens e três viaturas da Tropa de Choque, quando apreciavam o céu do Planetário.

Desde as 18h30min os policiais estavam de campana nos arredores.

Travestidos de funcionários que construíam uma caixa d'água, eles esperaram o sinal do tenente Silveira, disfarçado de monitor.

A.K.L. e J.H. chegaram por volta das 20h. Jeans, cabelos igualmente soltos, sentaram na primeira fila, esperando o momento que a cúpula fosse aberta.

O tenente Silveira fechou as portas do Planetário logo depois que as duas, o sargento Mary e a policial Joana, que faziam papel

de namorados, entraram. Quando as luzes externas foram apagadas, os soldados desceram pela cúpula, já aberta, dominando as duas em poucos segundos.

No 5º D.P. da Trindade, o delegado Demerval Bobo informou que as delinquentes serão enquadradas no artigo 12 da Lei de Tóxicos e também no 23 do Código Civil (portar documento). Elas prestaram depoimento, mas o delegado preferiu manter o conteúdo em sigilo para não atrapalhar as investigações. "Esperamos concluir o inquérito em 15 dias, quando todas as testemunhas já terão sido ouvidas", disse o delegado. O jurista Calmo Mallarri entrou com habeas corpus e as meninas foram liberadas em seguida.

A reportagem do ZERO esteve na casa de A.K.L. e J.H. mas o pai das crianças informou que o corregedor de menores faltou na segunda por motivo de força maior. No próximo ZERO haverá uma entrevista exclusiva com as duas. Não percam.



A.K.L. e J.H. receberam a imprensa com carinho

## Reitor, alunos e traficante gostaram

No campus universitário as reações foram distintas. A nota oficial divulgada pela assessoria de imprensa do gabinete da Reitoria justifica a "ação da segurança como necessária para a manutenção da ordem". "Esperamos que, com o rigor da lei, essas más universitárias sejam punidas. Independentemente do processo civil, será instaurado um inquérito interno pelo Conselho de Curadores para tratar da expulsão das referidas acadêmicas", disse o reitor Reinaldo Raposo Rosa.

A direção do DCE não concordou com a ação da segurança, porém condena a conduta "alienada" de A.K.L. e J.H. "Mais uma vez a não politização dos estudantes leva à existência dessas facções que não querem nada com nada", afirmou o sub-secretário para As-

suntos da Juventude do DCE, Leoderbal Retti. Garantiu também que o tema será levado, como questão de encaminhamento, para a plenária do 89º Congresso Nacional da entidade, que se realizará em Pimenta da Veiga (MG).

O estudante de engenharia mecânica Manfred Hozzmann disse que atualmente é viciado, mas que já "careteou" algumas vezes. "Quando alguém tá naquela e quer voltar, volta. Não precisava ter prendido as frangas", concluiu.

A detenção das meninas não preocupa Zé Tulipa, líder da maior boca-de-fumo da Trindade. "Este problema não vai atrapalhar o meu negócio, porque se acontecer alguma coisa, eu queimo as duas na hora", concluiu Zé Tulipa em viagem profunda.

## Edilza defende o vil comportamento

"Estas garotas podem sofrer sérios danos futuros no seu comportamento mental, psicológico e, sobretudo, social. A sociedade de hoje não permite tal abstenção, o mundo em que vivemos será cruel com o júbilo honesto e puro destas duas universitárias". A opinião é da psicóloga Edilza Flamboyant Sobrinho, mestrada em Psicologia do Comportamento Humano pela Universidade do Piauí, que há dois anos estuda casos de omissão no consumo de drogas.

Para a dra. Edilza, casos como esse são raros e foram diagnosticados pela última vez em 1930 na UFSC, causando protestos armados por um grupo extremista denominado "Charolas Acesas". Na oportunidade, conforme relatos de um paciente seu, que não quis se identificar, o grupo exigiu que o estudante preso em fla-

grante experimentasse o "fino que satisfaz". "Em 84, dois pacientes da minha clínica tentaram suicídio por se considerarem caretas", relata a psicóloga.

Neste sentido, Edilza Flamboyant Sobrinho viaja a Nova York na semana que vem, com o intuito de solicitar verbas à ONU para construção do Abrigo do Menor Careta de Tóxicos, que contará com convênios da Jamaica, Bolívia e Marrocos.

Os convênios virão em forma de seda, carreira e pelotas, respectivamente. Os adidos militares dos três países estão em estado de alerta, pois a qualquer momento ou em edição extraordinária, poderão intervir. "Temos o apoio logístico da esquerda xiita para continuarmos nosso avanço progressivo a nível de pesquisa", conclui Edilza.

## Cientistas de fora estão por dentro

(FRANCE PRESS E RADIOBRÁS) PARIS - O Instituto Pasteur já solicitou ao governo brasileiro permissão para estudar as duas meninas presas em Florianópolis por não usarem maconha. O Instituto que faz análises orgânicas para verificar se uma eventual deficiência imunológica já não teria debilitado psicologicamente as estudantes.

Em Brasília, uma fonte do Ministério das Relações Exteriores informou que ainda não foi decidido qual será a posição adotada pelo Planalto. O presidente Dirney analisa o processo em regime de urgência. O líder do PFL na Câmara, José Florêncio (PO) adiantou que não permitirá "que o povo brasileiro seja usado pelo capital estrangeiro mais uma vez". Nós sabemos que, vira e me-

xe, estão tentando nos fazer de cobaias", disse.

Já o presidente de quase-tudo, Ulisses Guimandisses, preferiu não se manifestar, dizendo apenas que essas questões são de alçada do Executivo James Thompson. Falando em nome dos trabalhadores brasileiros e brasileiras, o presidente dos trabalhadores, Juba e Lula da Silva, disse que as minorias também devem ser respeitadas. "Mas se a maioria votar a favor, é preciso respeitar", finalizou contente.

E o interesse do Instituto Pasteur e Bananinha não é único. Em Cincinatti, Ohio o pesquisador Joahapter Köhler manifestou a intenção de estudar o sistema neural das sirigaitas, procurando, principalmente, uma solução para o problema do câncer.



Reitor ligou para Brasília



Psicóloga Reich a Freud



Leoderbal tirou o seu da reta

# Universidade envenena o mangue

**UFSC suja rio e lava as mãos na falta de verbas**

A Universidade Federal de Santa Catarina produz, em determinadas épocas do ano, lixo equivalente ao de uma cidade com 43 mil habitantes. No entanto, a população que circula na universidade é de cerca de 19 mil pessoas. O dado é ainda mais alarmante: a maior parte deste lixo é jogado sem nenhum tipo de tratamento, diretamente no córrego que corta o campus e que vai dar no mangue.

Um trabalho realizado por dois alunos e um professor do curso de Engenharia Sanitária, mostra que a UFSC precisa com urgência implantar um sistema de tratamento de esgoto. O projeto da equipe, financiado pelo CNPq, durou um ano, entre fevereiro de 87 e fevereiro de 88. Foram instaladas sete estações de monitoramento das águas da Bacia Hidrográfica do campus. O professor Paulo Belli, membro da equipe, lamenta não ter mais verbas para continuar com o trabalho. Segundo ele, seria necessário ter um monitoramento permanente das águas do córrego do campus.

Os agentes poluidores mais perigosos são os de departamentos que trabalham com produtos químicos e o Hospital Universitário. O HU deveria tratar todo o esgoto que produz, já que além de trabalhar com produtos químicos, produz dejetos orgânicos que podem ter vírus e bactérias patológicas.

Esse esgoto vai parar no mangue e contamina animais e plantas. Como muitas pessoas de Florianópolis pescam no local, comem animais contaminados, ficam doentes, vão para o HU e assim a contaminação torna-se um ciclo vicioso. Existe no HU um sistema de tratamento de esgotos já há alguns anos, porém nunca funcionou com todo potencial em virtude de defeitos de construção e operação, denuncia Paulo Belli.

- CAMPUS LIMPUS -

O departamento de Química também contribui para a poluição. "Somente de um ano para cá", explica o chefe do depto de Química, "os metais pesados como chumbo, cobre, estanho, cromo e mercúrio estão sendo recolhidos em frascos especiais e não jogados no córrego". Hoje o professor Valdir Soldi vê outro problema: para onde levar os frascos? Não existe na ilha um local para despejar os dejetos e, no caso de queimá-los, haveria problemas com o ar. Caso o despejo continuasse, em dez anos no máximo, causaria problemas como doenças e extinção de espécies.

Agentes menos poluidores, como solventes e detergentes continuam sendo jogados. Não há possibilidade de recolher todo o material. Como não existe sistema de tratamento, eles vão direto para o córrego.

O departamento de Biologia pretende elaborar o projeto "Campus Limpus", com o objetivo de implantar colunas de

carvão ativado e biodigestores.

As colunas de carvão são filtros que deveriam ser instalados nas saídas dos esgotos dos laboratórios, que absorvem todos os elementos químicos e os decompõem em agentes não-poluidores. Já os biodigestores vão atuar sobre dejetos de animais e vegetais. Porque não só metais pesados mas, gorduras do RU, esgotos dos banheiros, detergentes biodegradáveis e fertilizantes também são agentes poluidores. Os fertilizantes provocam o aumento de vegetais dentro do córrego. Esses vegetais podem ser algas patológicas que provocam cólera, tifo, hepatite e outras doenças de origem viral ou bacteriana. Apesar do projeto da Biologia, já

saiu dos esgotos daquele depto., entre outras coisas, caramujos hospedeiros do vírus da esquistossomose.

A única coisa que a prefeitura do campus pode fazer em relação à poluição é instalar fossas, sumidoras e caixas de gordura. O prefeito do campus, Paulo R. M. dos Santos, reclama da verba que recebe para este tipo de serviço.

Avisa ainda que, não só a universidade, mas também os bairros próximos ao campus poluem o córrego. Inocêncio Martins, diretor de manutenção da prefeitura diz que "há uns 20 anos dava pra tomar banho no riacho. Ele tinha em certos pontos até três metros de profundidade."

A reitoria está começando a acordar. O Escritório Técnico-Administrativo da UFSC (ETUSC) abriu licitação para empresas que estivessem interessadas em realizar o projeto para tratamento dos esgotos. Quatro empresas participam: ZETA, PLANEJ, IGUATEMI (Florianópolis) e MAGNA ENG. (PORTO ALEGRE). O prazo para entrega dos orçamentos termina ainda em novembro. Logo após, as empresas têm um prazo de 120 dias para entregar os projetos. A implantação deverá se iniciar logo em seguida a apresentação dos projetos, a partir das zonas mais críticas.

**Silvia Regina Pavesi**

# Arquitetura da UFSC caça ratos e junkies

O curso de arquitetura vive um fato pouco comum nas últimas semanas. Professores, estudantes e funcionários estão sendo chamados a prestar depoimentos numa Comissão de Sindicância que apura o roubo de banquetas dos ateliês e a ocupação dos fundos da sala 836, pelo Centro Acadêmico Livre de Arquitetura (CALA).

Os problemas teriam começado quando um aluno denunciou, informalmente à diretoria do centro, Helena Stemmer, a existência de um grupo que fumava maconha em uma das salas. A diretora comunicou o caso à Reitoria, que decidiu pela abertura da Comissão.

Aceita com naturalidade pelos integrantes do Centro Acadêmico, a questão da maconha é entidade apenas como um pretexto para a investigação. Para eles, o real objetivo é inibir a mobilização dos alunos que querem maior autonomia na utilização do espaço físico. Já a diretora faz questão de deixar bem claro que não há relação entre o CALA, o desaparecimento das banquetas e o fumo da maconha. E alertou para o repórter de Zero: "Não coloquem mais lenha na fogueira."

Edmundo Henrique Schultz, membro da Comissão Executiva do CA, diz que a transferência do Centro

Acadêmico para junto do curso representa uma ameaça à estrutura da universidade, montada para tornar as pessoas cada vez mais individualizadas. Ele acredita que é mais cômodo a permanência do CALA em seu antigo espaço, atrás do Básico. "A distância dificulta a organização dos alunos. Estando mais perto, podemos contar com uma maior participação nos problemas do curso. Isso a universidade quer evitar."

CA NO CORREDOR

Helena Stemmer alega que, sem pedir autorização, alguns alunos tomaram o fundo de uma das salas de aula que funciona como ateliê. Apesar de reconhecer que a universidade precisa de espaço físico, ela explica que não pode permitir a permanência do CA no local: "Tentei uma reforma no Bar da Nina, a fim de construir um andar superior onde ficariam os CAs dos cursos do CTC, mas esbarrei no velho problema da falta de recursos", desabafa a diretora. "Outros cursos também a utilizam e as salas ficariam prejudicadas pelo espaço reduzido", explica. Contrariando a diretora do CTC, Elisa Jorge da Silva, da direção do

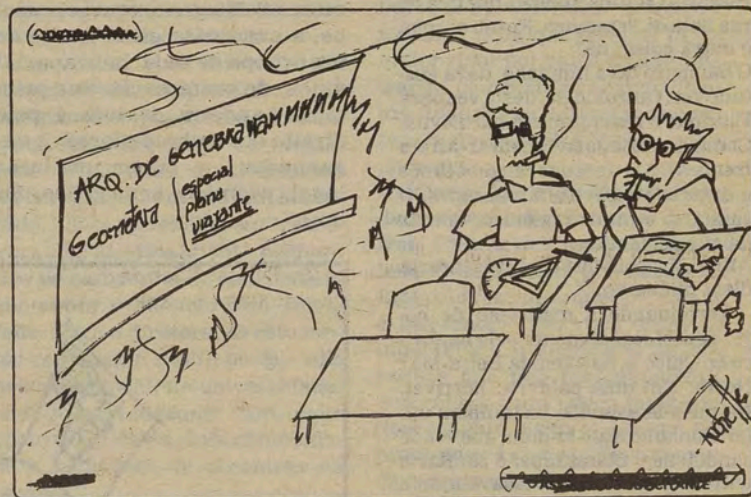
CA, argumenta que o espaço é novo, pois ali estavam armários usados pelos alunos para guardar material.

"Nós só os distribuímos de modo diferente para dividir o local, fazendo uma espécie de paredão."

Apesar dos apelos, no último dia 24 alguns funcionários, a mando da Diretoria do Centro, retiraram os armários. Quatro dias depois, esgotado o prazo para o CALA sair do ateliê, em assembléia os alunos decidiram que o arquivo e os dois sofás do CA seriam colocados no centro do corredor, e as esperanças depositadas na próxima reunião do Colegiado.

Outro motivo apontado por Helena Stemmer para o despejo foi o de que, caso cedesse o espaço, outros cursos desejariam a transferência de seus centros acadêmicos. Se o argumento é esse, Paulo Rizo, coordenador do curso de Arquitetura, diz apoiar os estudantes. Segundo ele, até o momento os outros CAs não se preocuparam com o assunto.

Quanto a Comissão de Sindicância, Paulo Rizo a vê como um desrespeito à coordenação que não foi consultada e nem possui representante. Ele pensa que o objetivo da Reitoria não é



solucionar os problemas, impor responsabilidades. Principalmente porque durante o depoimento, as perguntas eram direcionadas às atitudes tomadas por ele como coordenador. "É bem possível que a responsabilidade caia sobre a coordenação e o departamento", aposta Paulo Rizo.

BAGUNÇANDO O CORETO

Há opiniões divergentes entre os estudantes. Alguns concordam que agora os alunos podem participar mais e o curso funciona melhor.

Outros discordam. Eles afirmam

que a ocupação do espaço interferiu nas aulas. Foi o caso de uma aluna da quinta fase: As aulas ficaram prejudicadas pela bagunça e a invasão do local. Além disso está tudo sujo, com rabiscos e pixações por todos os lados, e o nosso painel de exposições foi tomado". Ao seu lado, uma amiga da sexta fase reclama: "Eles são muito revolucionários".

**Daniela Aguiar e**

**Arley Machado**



# Política, caso de polícia

## Viagem ao fundo dos sanitários de barzinhos

Bunda e nariz. Foi pensando nessas duas partes da anatomia humana que, no número passado, este seu Nino Noya resolveu fazer uma pesquisa de campo nos lugares consagrados à delícia ou ao sofrimento: os sanitários. Mais especificamente, os de bares, restaurantes e similares. Acreditem, esta vida de jornalista não é mole! Se vocês imaginassem os aromas que fui obrigado a inspirar pra trazer o início do resultado até vocês... Tou até pensando em pedir adicional de insalubridade à moçada que faz o ZERO.

Quem leu o número anterior deve se lembrar da escala Richter/Noya para avaliar as condições dos banheiros. Começa em zero, quando o lugar é limpinho e perfumado, e termina em dez, quando a atmosfera não permite a existência de vida. Bem, nessa minha primeira peregrinação, não encontrei nenhum caso que chegasse ao pior extremo, mas vários passaram perto.

O bar Maré Brasil, que fica na Lagoa da Conceição, em Florianópolis, ganharia o prêmio originalidade se houvesse concurso para decoração de sanitários. Na noite em que estive lá, o dos homens tinha uma maré de vômito espalhada pelo chão. Pelo menos combinou com o nome do lugar. Não pude entrar no toilette das mulheres, mas uma amiga foi lá e resolveu fazer xixi na beira da Lagoa. Apesar de tudo, devo dizer que gostei do som. Se não me engano, era uma banda de rock de Blumenau, uns gatos maneiros.

E por falar em Blu, vamos ao primeiro elogio, pois também gosto de jogar confete em quem merece. Quando estive na Oktoberfest, jantei uma pizza ma-ra-vi-lho-sa na Pizzaria Cantinã Rodízio, que fica na rua Sete de Setembro. Forno a lenha é outra coisa, né?

O banheiro tava limpinho, dava gosto de ver. Outro elogio, desta vez para Floripa: o restaurante e bar Divina Comédia, ao lado da Catedral - ali em frente à OAB - tem uns rangos ótimos e drinques super bem transados. O sanitário é muito higiênico, apesar da simplicidade.

Afinal, limpeza dispensa frescura, já dizia minha vó.

Terminando a malhação de hoje: passei rapidamente pelo banheiro do Chico's, na avenida Beira-Mar Norte. Em uma palavra: horrível. Na mesma avenida, fiz também um lanchinho no Kais-ki-dum, que vende sanduíches. Classifiquei o sanitário entre regular e bom. Razoavelmente limpo, mas não tinha papel higiênico. Sufoco, hein? Ainda bem que a toalha de papel quebrou o galho.

Por hoje é só. Ah, em tempo: não tou recebendo comissão de ninguém pra influenciar neste ranking, tá? Digo logo, porque tenho certeza que alguma mente abilolada pensou. Quem estiver a fim de dar uma forcinha nessa romaria de utilidade pública, basta dar um toque (o endereço tá no expediente do jornal), será bem-vindo. Agora, com licença, vou tomar meu vinho sangue de boi (pela marca já deu pra notar, né? Colunista de jornal de estudante...)

Nino Noya



## Candidatos pra levantar a moral do Brasil

Maria Joana é candidata por uma dissidência do PV - Partido Verde Cósmico (PVC) - cujo slogan é "votando em nós você também leva cano, mas pelo menos, de boa qualidade". Maria Joana desde cedo se habituou a viajar... Conhece bem o interior de Pernambuco, Maranhão, Alagoas, sul da Bahia e o Paraguai.

Muito popular em todos os segmentos sociais, costuma ser tratada carinhosamente por vários apelidos, como "verdinha" ou "manga rosa". Alguns a tratam de maneira meio depreciativa, chamando-a de "bagulho" e "coisa", mas Maria não se ofende: "Ando de boca em boca, mas no fundo sei que eles se ligam em mim...". Elegante sem ser esnobe, a candidata gosta muito de usar roupa de seda, bem apertadinha, de preferência. Sua principal bandeira de luta é pelo direito dos trabalhadores - e vagabundos - a curtir um lazer legal, cósmico, sem grilos, falou?

## Navalha na carne

Will Robson dos Santos concorre a uma vaga na Câmara Municipal pelo MERDA (Movimento Esquerdista Radical em Defesa das Armas) e acredita que está praticamente eleito, porque o partido reflete a realidade do país. Will Robson tem 25 anos; 12 por homicídio qualificado, oito por assalto, três por passar a mão na bunda do guarda e dois como medida de segurança, mas promete que, se eleito, saberá conciliar as obrigações de vereador com as obrigações prisionais. Atualmente, mora na cela de castigo da Penitenciária Estadual, mas com os primeiros salários pretende comprar a liberdade, uma mansão e um diploma universitário ("Jornalismo, talvez..."). Sua principal meta é incentivar o esporte: arremesso de dardo nos sentinelas, salto em altura sobre os muros do presidio, corrida de 100 metros para fugir dos cães de guarda e maratona até alguma praia deserta onde dê pra se malocar enquanto a coisa esfria.



## Cabeça erguida

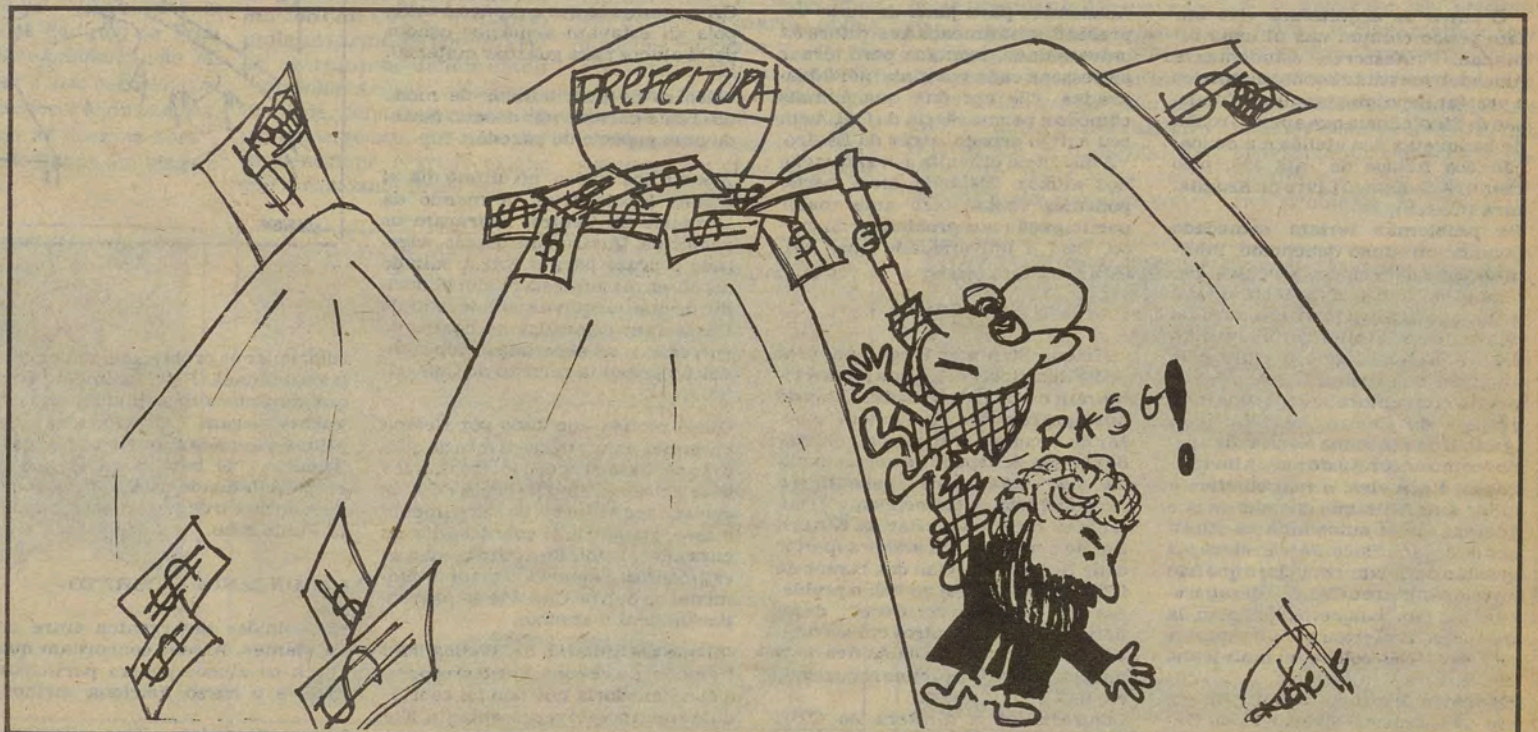
Roberval Pitoco é candidato a vereador pelo MOPAU (Movimento Patriótico Unificado). Sabe que tem poucas chances de vencer o pleito e atribui isso à intransigência do Tribunal Regional Eleitoral, que proibiu a exibição pública do logotipo do partido. "Não tem importância, mais cedo ou mais tarde o MOPAU vai botar a cabecinha de fora", garante Pitoco, para quem o mais relevante, neste momento, é fazer o partido crescer e, pouco a pouco, penetrar nas entranhas e no seio da sociedade. Pitoco não se classifica como político de direita, centro ou esquerda, pois, segundo ele, "tudo depende do calor do momento". Mesmo assim ele se confessa adepto da abertura ("não muito grande", lembra). Depois de uma fase de ostracismo em que a sigla andou meio murcha durante o inverno, seus filiados prometem torná-la mais intumescida. Pitoco defende a livre iniciativa, tem medo da AIDS e detesta formalismo: aposentou o paletó e faz campanha usando camisinha esporte. Jovial, ele manda um último recado: "Vamos pegar firme, porra!"

O coronel Pacheco, comandante do 4º BPM, encontrou uma fórmula científica para reprimir os grevistas. É a terceira Lei de Newton: "Para cada ação há uma reação igual e oposta". Newton jamais poderia imaginar essa lei da Física transformada em cassetete.

A RCE TV recebeu recentemente o "Top de Marketing", da ADVB-Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil. O prêmio é concedido às empresas que "melhor souberem superar a crise econômica", conforme notícia que a própria televisão mostrou. Os 60 demitidos da empresa assinam embaixo.

O editor de polícia de um diário catarinense agora exerce também a função de delegado. Sua magistratura teve início quando forçou um repórter a delatar o esconderijo do autor de um presunto. Com um carteaço, convenceu o açougueiro a dirigir-se até a sede do jornal. Lá, na surdina, convocou um delegado que não é editor de jornal, a quem entregou sua presa. Todo o episódio foi registrado pelo fotógrafo J.J. Duran, da revista "Recompensas".

Eliot Ness



# Biblioteca: antigos problemas

## Falta tudo desde verbas até livros

Inaugurada em maio de 1976, a Biblioteca Central da UFSC conta com 195 mil títulos registrados, está disponível a uma população de 22 mil usuários e atende diariamente a mais de 3.500 alunos. Para essa tarefa conta com 98 funcionários dos quais apenas 27 trabalham efetivamente na Biblioteca Central. O restante está espalhado pelas oito bibliotecas setoriais, das quais duas estão localizadas fora do município: uma no Colégio Agrícola de Camboriú e outra no de Araquari. As outras seis são as dos centros de Ciências Físicas e Matemáticas, Ciências da Saúde, Ciências da Educação (ainda sendo montada), Ciências Agrárias e Colégio de Aplicação.

### SEM ESTATÍSTICA

Desde que a biblioteca foi fundada, nunca foi feito um inventário que dissesse com exatidão quantos livros existem lá. Mas a diretora geral, Estela Vieira de Oliveira, 53, diz que anualmente são adquiridos novos títulos, o que permite a atualização constante do acervo. "A biblioteca atende os pedidos de professores, a não ser que falte verba", disse a diretora. "Allás, a falta de verbas para atender todas as necessidades é um dos maiores problemas da Biblioteca Central", completou.

Outra grande dificuldade da biblioteca é a danificação e o furto de livros. Para Sigrid esse é um problema de educação, não há como



controlar. O sistema de vigilância adotado não consegue impedir o furto. Os alunos sempre encontram uma forma de enganar a fiscalização, jogando o livro pela janela ou saindo, descaradamente, pela catraca, com o livro por baixo da roupa. "Os alunos são uns

irresponsáveis", irrita-se um funcionário que não quis se identificar. "Os que roubam deveriam ser presos", insistiu. De fato, roubar é crime. "Muitos alunos não podem comprar livros e não têm como estudar, a não ser na biblioteca. Os que roubam, impedem que muitos

colegas possam estudar", diz Roberto Henrique, 21, estudante de Engenharia Sanitária.

### INFORMATIZAÇÃO

Apesar dos problemas, a diretora Estela afirma que a biblioteca

melhorou muito desde que foi criada, em 1976. "Procuramos atender o usuário da melhor forma possível mas é difícil agradar a todos", garante.

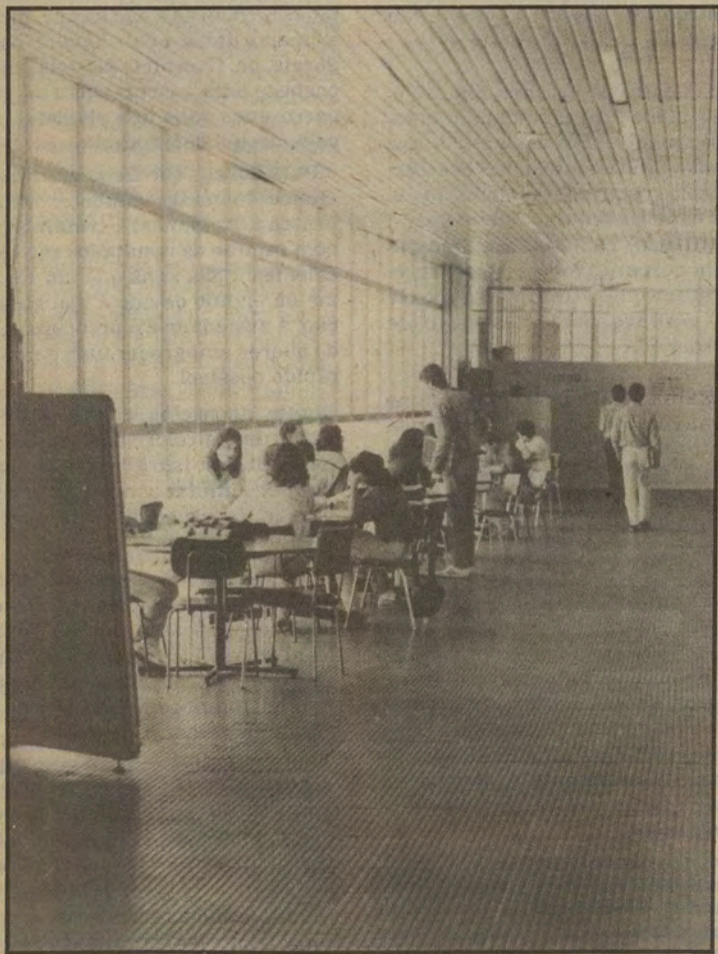
É com a finalidade de se modernizar e dar um melhor atendimento aos usuários que a biblioteca está investindo na informatização de seus equipamentos. Isso facilitará o acesso, hoje confuso, do aluno ao texto.

Os equipamentos de informatização existem. "Só falta proceder a sua instalação, mas isso depende de verbas e do pessoal preparado para lidar com a aparelhagem", disse ela.

Outro setor no qual a biblioteca tem investido é na preparação psicológica de seus funcionários. No mês passado foi contratada a psicóloga Clarisse Leal de Freitas, que ministrou um curso de 16 horas aos funcionários, com a finalidade de oferecer novas técnicas de trabalho e atendimento e, segundo Estela, "reativar os funcionários".

Diante desse quadro resta um "consolo" à Biblioteca Central da UFSC: em visita a mais quatro bibliotecas de Florianópolis - incluindo a centenária Biblioteca Pública do Estado - repórteres do ZERO constataram que o drama se repete. É exatamente igual.

Cláudia Finardi, Mara Schuster e Zulmar Bortolotto



## Barulho na BU

"Eu acho f..."  
"Pega quem pagou até agora e vende o resto..."  
"Vamos nos organizar... vai sair o churrasco?"  
"Ninguém estuda genética, nós vamos ter que matar odonto..."  
"Vai ficar só na vontade..."  
"Vai vê se a tua mãe tá lá..."

Será possível estudar num lugar desses? Possível ou não, na ala dos livros de psicologia, sociologia, direito e contabilidade, mais de uma dezena de alunos da Universidade Federal de Santa Catarina conversava quase aos gritos e gesticulava com entusiasmo, na semana passada, enquanto outro grupo circulava entre as mesas, falando alto e marcando encontros para depois da aula.

Esta é basicamente a rotina da Biblioteca Central da Universidade, onde mais de 3.500 pessoas transitam diariamente.

Segundo a diretora da Divisão de Assistência ao Usuário, Sigrid Karen Dutra, que trabalha lá há cinco anos, existe muita reclamação do barulho dos estudantes - mas não só deles: há também o barulho que os próprios bibliotecários fazem. O funcionário Lírio Aldorisi, 25 anos, concorda inteiramente com Sigrid: "Os funcionários também conversam" diz, com segurança, mas ressalta que o maior ruído é provocado mesmo pelos alunos, que - segundo ele - não têm o menor respeito pela lei do silêncio. "Nou-

tro dia alguns alunos de Odontologia fizeram tanta bagunça que só faltou chamar a segurança do campus", contou Aldorisi.

Para acabar com o barulho foi desenvolvida, tempos atrás, uma campanha com cartazes e mensagens deixadas sobre as mesas, mas não adiantou muito. Chamar a atenção também não tem adiantado. "Eles não obedecem", assegura Sigrid. Atualmente nenhum tipo de campanha de conscientização sobre o silêncio está sendo feito. Para a diretora, os estudantes conversam muito porque não existe um local, na universidade, onde possam se reunir. "Um lugar como a biblioteca, com comodidade e facilidade de encontrar as pessoas".

### PONTO DE ENCONTRO

A maioria dos estudantes parece estar acostumada com o barulho. Outros, não negam que às vezes acabam deixando os livros de lado pra conversar. "Eu consigo estudar com esse barulho todo porque a matéria não exige muito" disse Valério Luiz Cardoso, da quarta fase de Ciências Contábeis. "Quando quero realmente estudar prefiro pegar dois ônibus e ir pra casa", completou.

De acordo com Rainísio, aluno do curso de Engenharia de Alimen-

tos, os estudantes conversam alto por falta de educação mesmo.

Para ele o problema é "de berço". Rainísio acha que deveria haver maior rigor por parte da administração, com punição aos barulhentos. Sugere, por exemplo, que não sejam emprestados livros a quem perturba.

Neidiane e Libertad são duas estudantes uruguaias do curso de Letras. Elas acreditam que o brasileiro é barulhento por natureza. Libertad ressaltou que no Uruguai é diferente: "Lá você entra na biblioteca e o silêncio é tal que parece que não tem ninguém". Sua colega é um pouco mais condescendente, acha que isso é um problema de idade: "Para se estudar em conjunto é necessário falar alto".

A diretora da Divisão de Assistência ao Usuário acredita que com a ampliação da Biblioteca Universitária, prevista para o início do próximo ano, quando serão construídos mais 1.200 metros quadrados de salas reservadas ao estudo em grupo, o problema do barulho diminuirá bastante. Mas até isso acontecer, muitas mães serão ainda insultadas, como foi a de Paulo Roberto Machado, quando ele pediu silêncio a cinco animados rapazes sentados ao lado e ouviu: "... vai vê se a tua mãe tá lá ...". "Eu fico indignado com essa zoeira", desabafou.

# Academias: cem por cento suor

*Músculos, seios,  
pernas e bundas:  
é verão*

Junto com o aumento da temperatura, o aparecimento mais frequente do sol e a possibilidade de curtir uma praia e vestir uma miniblusa, vêm as precauções com o corpo. Quem esqueceu dele o ano inteiro corre em busca das diversas opções disponíveis para obter uma boa forma estética.

Professores de ginástica e endocrinologistas afirmam que não podem fazer milagres e dão alguns conselhos para quem quer estar em forma no verão.

A receita do endocrinologista Sérgio de Carvalho - que tem 18 anos de experiência -, para quem quer emagrecer, é ginástica, principalmente aeróbica, uma dieta orientada por um médico especialista, porque regimes caseiros podem causar anemia e, se possível, caminhar uma hora e meia após as refeições. "Com uma média de 120 passos por minuto pode-se gastar até 450 calorias". Para o Dr. Carvalho, uma alimentação equilibrada deve conter 60% de carboidratos, 20% de proteína e 20% de gordura. "A obesidade e a flacidez têm origem genética. Uma pessoa é obesa porque aproveita melhor o que come.

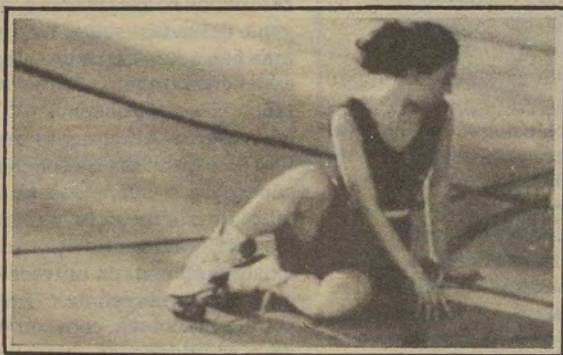
Quem quer diminuir a flacidez tem que fazer ginástica". A procura por consultas e internações na Clínica Sérgio de Carvalho aumentou muito com a aproximação do verão. Lá se trabalha de três formas diferentes, dependendo do cliente. Tem a terapia convencional, na qual o cliente pode perder de dois a quatro quilos por mês apenas mantendo uma dieta. No tratamento semi-intensivo o cliente faz dieta de segunda a sexta e interna-se nos finais de semana, podendo perder de seis a dez quilos por mês. E a internação de 20 dias, que faz o cliente perder 10% do peso. O paciente mais gordo do Dr. Sérgio tinha 180 quilos e ficou com 78.

QUEIMA DE GORDURA

O professor Kiko, da Cia Aeróbica, faz questão de salientar as diferenças entre trabalho aeróbico e anaeróbico: "no primeiro há uma maior queima de ácidos graxos (gordura) do que de glicose. Já nos exercícios anaeróbicos, como ginástica localizada e musculação, há um maior gasto de glicose e desenvolvimento do tônus muscular". Kiko esclarece ainda que "pode-se fazer milhares de abdominais e não perder uma grama de gordura, apenas definir o shape do corpo."

Raquel Luz, professora da Academia Saúde e Cia, explica que um corpo saudável nem sempre tem medidas perfeitas: "A pessoa tem um corpo bonito de acordo com seu biotipo, mas quase sempre quem faz ginástica, mesmo que não tenha um corpo invejável, tem mais saúde que uma pessoa sedentária".

Cristina Bartczak, da Academia Marathon, reconhece que a procura por aulas de ginástica e musculação aumenta em outubro: "A gente tem que ser realista, com menos de três meses os alunos não obtêm resultados, por isso estamos tentando conscientizá-los



Arquivo/Zero

que o ideal é fazer ginástica o ano inteiro". E o professor Kiko completa: "Gordura não se ganha de uma hora para outra, e é impossível perder a gordura que acumulou durante o ano inteiro em dois ou três meses, porque nosso organismo trabalha de acordo com a lei do menor esforço."

Os professores de ginástica surpreendem-se pelo fato da maioria absoluta de seus alunos procurarem as academias somente para obter uma boa forma estética. Maurício, professor de musculação da Academia Saúde e Cia, diz que a maioria dos alunos são mu-



Plena forma para os cultuadores do corpo

Arquivo/Zero

lheres em busca de seios mais firmes, bumbum mais rígido e cintura mais fina. Os homens, por sua vez, querem ficar mais fortes. O professor Kiko insiste: "As pessoas devem procurar academias para obter saúde, como prevenção, e não simplesmente pela estética. As

consequências virão com o tempo".

## CLÍNICAS DE EMAGRECIMENTO

oferecer tratamento para homens, que têm como maior objetivo perder a barriga. Seus clientes dispõem de ginástica, massagista, forno de bier, bandagem, placa eletrônica, gesso e pasta na-chên.

O Centro de Estética Zilma Fusão, além de aparelhos para emagrecimento, oferece Banho de Luz - para bronzeamento -, Neve Carbônica - para interromper a queda de cabelo e eliminar manchas -, depilação, cabeleireiros, massagem corporal, facial e bioenergética, terapia e tratamento a base de enzimas para dissolução de gordura.

Zilma Fusão disse que há uma grande procura pelo tratamento anti-celulite: "A celulite nada mais é do que um tecido mal oxigenado, subnutrido, desorganizado e sem elasticidade. Pode ter origem em distúrbios hormonais ou emocionais, no calor ou até em compressões locais, por isso aparece também em pessoas magras". Fusão salienta que o aparecimento da celulite se divide em quatro fases. As duas primeiras passam quase despercebidas, por serem basicamente circulatórias: "Geralmente é na quarta fase que as pessoas buscam um tratamento".

No combate à celulite ela trabalha com enzimas, também indicadas para quem fez lipo-aspiração e afirma que o Banho de Luz também auxilia na diminuição da celulite porque ativa a circulação.

Meia hora no Banho de Luz está custando 6 mil cruzados. Fusão garante que bronzeia e completa: "Garanto tudo que faço".

## DIMINUA A CELULITE

As dicas de Zilma Fusão para diminuir ou evitar a celulite são: não tomar refrigerantes nem bebidas alcoólicas e não fumar, pois o cigarro deixa a pele flácida. Dr. Sérgio de Carvalho diz que não conhece essa desvantagem do cigarro, mas sabe que ele deixa a pele fosca e desidratada.

Para Soraia, que frequenta uma clínica de emagrecimento, "se a pessoa acompanhar o tratamento com regime os resultados são excelentes". Ela acha que um regime dá errado devido à inauguração, à ansiedade e à preocupação de querer emagrecer tudo o mais rápido possível.

Soraia aconselha ao obeso procurar um psicólogo ou parapsicólogo e diz que isto é mais eficiente do que se limitar a medir calorias, porque "o problema está geralmente na cabeça".

Paula, cliente do endocrinologista Flávio Sandrin, diz que "quando a pessoa não se sente legal com o corpo, quando não se aceita mais, entra em crise. É difícil tomar a decisão de procurar um médico."

Como muitas outras, Angelita matriculou-se na ginástica em outubro, para estar em forma no verão. Ela acha que "na sociedade em que a gente vive, na qual as pessoas dão tanta importância para as aparências, para a casca, um corpo bonito faz com que a gente se sintam mais segura. Além disso, em boa forma ficamos mais dispostas".

Ana Lavratti

# Esperanto, uma língua sem origem e sem povo, completa um século

Existe a necessidade de uma língua universal? Para estreitar mais as relações entre os povos, o mundo necessita de um idioma único? O advogado Walter Boppré, membro da diretoria da Associação Esperantista de Santa Catarina, acha que sim. A língua acabou de completar um século de existência: é o esperanto, formulado pelo médico polonês Lázaro Ludwik Zamenhof em 1887. Zamenhoff acreditava que o esperanto é "o esforço para divulgar em todo o mundo o uso da língua neutra que, não se impondo na vida interna dos povos e não tendo de modo algum o objetivo de eliminar as línguas nacionais existentes, daria às pessoas de nações diferentes a possibilidade de compreenderem-se". Hoje, é a única entre as várias línguas artificiais que conseguiu sobreviver.

Em 10 de dezembro de 1954, numa conferência em Montevidéu, a UNESCO aprovou resolução reconhecendo o esperanto como "língua de alto valor para a comunicação humana". A UNESCO passou a colaborar com a Associação Universal de Esperanto (AUE) para introduzir o idioma nas redes de ensino e garantiu-lhe o direito de opinar nas questões linguísticas nas relações internacionais. A AUE mantém relações consultivas com a UNESCO.

Sobre a oficialização do esperanto como língua de trabalho pela ONU, o professor de esperanto João Sérgio Sell acredita que será uma questão de tempo. "Ele é viável economicamente. É comprovado cientificamente que uma pessoa de nível de cultura médio aprende com relativa facilidade o esperanto, em um décimo do tempo necessário para aprender qualquer outro idioma. Isto significa 150 horas/aula, em contrapartida às 1500 horas/aula necessárias para o aprendizado de outros", argumenta Sell. Para ele "a perfeição de sua estrutura, simplicidade tanto morfológica quanto sintática, fonética boa, comprovam que não há dificuldade com o esperanto. Apesar dessas vantagens, o esperanto sofre pressão do imperialismo linguístico. A ONU ainda não oficializou o esperanto como idioma de trabalho, em razão de uma certa hegemonia que existe das assim consideradas línguas fortes".

Ele analisa o sólido movimento esperantista na Inglaterra e nos EUA, países cuja língua é mais difundida. Citou a Bíblia em esperanto, que é somente impressa na Inglaterra, e o atual presidente da Associação Universal de Esperanto, um reitor de uma universidade norte-americana. "Isso seria suficiente para demonstrar que os próprios ingleses e americanos estão achando que o inglês não é suficientemente desenvolvido ou ideal para ser um idioma internacional".

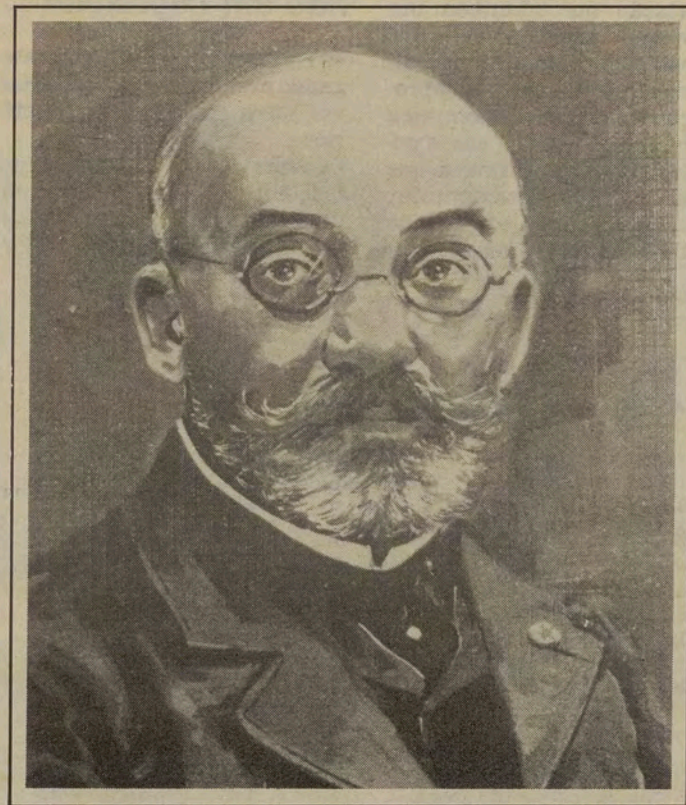
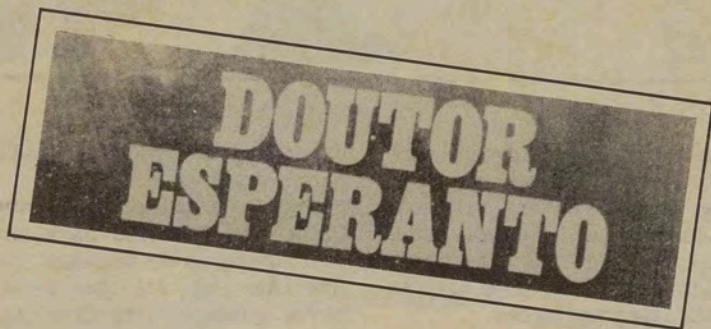
Para Sell, a oficialização definitiva do esperanto como idioma de trabalho é uma questão política. No seu entender, a língua tem condições de ser universal na prática, mas só acontecerá mediante a conscientização das autoridades de que o esperanto vem atender a um anseio de união internacional entre os povos mediante uma língua comum. "Sua validade está perfeitamente com-

provada internacionalmente. É um idioma que não é mais um teste: ele venceu".

Já o professor de linguística da UFSC, Paulinho Vandresen, afirma que é inviável a implantação de uma língua internacional, porque historicamente não gerou resultados. Cita como exemplo a implantação do hundi na Índia, e o tegralop, nas Filipinas, línguas que não vieram a ser aceitas pelos outros grupos de troncos linguísticos diferentes. Na opinião de Vandresen

constantes mudanças, que acabariam por criar dialetos incompreensíveis entre grupos diferentes. Além disso, por não haver falante nativo, há o problema do sotaque: "Iria-se extrapolar a gramática".

O professor também analisa o panorama deste idioma no momento atual e conclui que o esperanto não está satisfazendo a necessidade do mercado linguístico, termo que define a importância de saber determinados idiomas que, num contexto político e cultural do momento, por



"esse idioma na prática não funcionaria, mesmo tendo vantagens estruturais". Ele enumera duas causas: o fator econômico e a distorção que haverá quando se tornar língua de uso corrente. A implantação do esperanto como língua diplomática e comercial requer maciços investimentos de cada nação e torná-lo obrigatório, mas isso é inviável a partir do momento que grande parte dos países não tem finanças para esse empreendimento, afirma Vandresen. No caso do esperanto tornar-se uma língua viva, estaria sujeita a

serem importantes, possam oferecer vantagens profissionais e culturais para quem os conheça.

O esperanto não teria condições de atualizar e agilizar a demanda de traduções nas publicações principalmente das áreas técnicas, e no momento quase nada é publicado em esperanto nessas áreas, argumenta Vandresen.

Ozias Alves Júnior



## Amantes de Maria arrasam público com som gutural

O underground ilhéu mostrou no último dia 30 o seu primeiro - e talvez único - filho: a banda Os Amantes de Maria, alusão posterior ao filme de Andrei Konchalovsky. Parece que a boa-nova se anuncia após a vertiginosa decadência dos mais populares Expresso e Tubarão, e a aparição e sumiço de outras bandas, que não vale a pena perder tempo falando.

Rafael (guitarra), Júlia (vocal), Ricardo (bateria) e Othon (baixo) não dão chance às canções pop-bregas. Buscam a fusão de vários elementos. Porém, nota-se a influência maior das bandas inglesas como Joy Division e Siouxsie & The Banshees e da nova-iorquina Velvet Underground, das quais fazem alguns covers. Ácidas guitarradas gótico-psicodélicas são pano de fundo para um doce vocal. Às vezes inaudível, outras gutural. "No espelho o reflexo/do inferno feito carne/a imagem de um sonho"...que esperamos torne-se realidade. Até aí vê-se a estética pós-punk em versos expressionistas-simbolistas.

Um dos destaques do show foi um improviso feito enquanto uma corda da guitarra era trocada. Bateria e baixo em harmonia com o repente francês. O público, acostumado às bandinhas pop ilhóas, se dispersava. E o amadorismo levava-os à ousadia e improvisação. Ao final, poucos sobraram para contar a história de quem promete fazer história.

Ivaldo Brasil Jr.

# Bessone é ministro do latifúndio

O ministro da Reforma Agrária, Leopoldo Bessone, votou contra a reforma agrária na Constituinte. No último dia 18 de outubro ele veio a Santa Catarina, mas não visitou acampamentos nem quis falar com os sem-terra. Assinou quatro projetos de assentamento, alguns papéis sem muito valor e liberou Cz\$ 200 milhões para eletrificação rural de 21 áreas. Tudo no palácio Santa Catarina. Às 16 horas, deveria conversar com lideranças dos sem-terra.

Apareceu às 18h45min. A desculpa chegou antes do ministro, por telefone: "Passei mal depois do almoço". Bessone foi embora sem dizer se vai assentar as 700 famílias acampadas e as 140 famílias sem terra no estado. O ZERO fez vigília na delegacia do Mirad/SC para arrancar do ministro, com exclusividade, toda sua sabedoria fundiária.

Geraldo Hoffmann e Elaine Tavares



**Zero** - Como o governo pretende enfrentar o aumento de conflitos no campo, uma vez que a Constituinte praticamente inviabilizou a reforma agrária?

**Bessone** - Não acho que a Constituinte inviabilizou a reforma agrária. Nós já estamos trabalhando num anteprojeto para conceituar o que é terra produtiva. No momento em que conseguimos conceituar o que é terra produtiva, a reforma agrária está no mesmo plano de agora. No entanto, ao lado disso, nós estamos preparando também um decreto provisório para que o Ministério possa continuar trabalhando na área.

**Zero** - O Sr. votou contra a reforma agrária na Constituinte. Como pretende executar o PNRA no Ministério?

**Bessone** - Na Constituinte eu não votei contra o projeto de reforma agrária. Eu votei contra a terra produtiva e deixando pra lei complementar conceituar a terra produtiva. Estou trabalhando agora nessa conceituação.

**Zero** - O Mirad/SC calcula que seriam necessários dois milhões de hectares de terra para resolver o problema de 140 mil famílias sem terra deste estado. Qual o espaço necessário para os 13 milhões de sem-terra do Brasil?

**Bessone** - Primeiro nós temos que cadastrar os sem-terra, pra depois saber qual é a área que vamos precisar.

**Zero** - Feito esse cadastro, a

*"Ou compramos ou não fazemos nada"*

reforma agrária decola?

**Bessone** - A reforma agrária continuará. O problema é que nós temos que conceituar o que é terra produtiva. E isso nós estamos trabalhando, os técnicos, os técnicos... Eu... eu vou, vou levar o anteprojeto a todos os segmentos da sociedade interessados no problema da reforma agrária.

E aí nós vamos montar um projeto de lei complementar que

possa dar condições de agilizar o processo da reforma agrária.

**Zero** - O delegado regional Jacó Anderle disse, há poucos dias, que o Mirad entrou no mercado de compra de terras e não faz mais desapropriações. Isso agiliza o processo?

**Bessone** - Não, o Mirad não entrou no processo de compra de terra. O Mirad, ele tem formas de adquirir terra ou a desapropriação, que é também um processo de aquisição de terra. Apenas é feita depositando dinheiro em juízo. Ou a desapropriação ou através da compra e venda, quando temos casos como aqui em Santa Catarina, que nós não podemos desapropriar porque não temos o tamanho legal. Então nós temos ou que

negociar pra comprar ou então não fazemos nada.

**Zero** - Os sem-terra de Santa Catarina esperavam para hoje a liberação de terrenos em Abelardo Luz. Até ontem não havia qualquer impedimento. Hoje pela manhã o Sr. se recu-

*"Pode tá em exame, mas não em cogitação"*

sou a assinar os projetos alegando problemas técnicos. Qual vai ser a resposta do Ministério?

**Bessone** - O que acontece é que existe uma tramitação normal no Ministério e outra na Justiça, na qual este não pode inter-

ferir. O secretário de assuntos fundiários conversou com os proprietários tentando encontrar uma fórmula para agilizar o processo. (Obs.: mais tarde soubemos do delegado regional que o "problema técnico" é o preço da terra).

**Zero** - O Mirad vai buscar ajuda internacional para financiar a reforma agrária? Existe a informação de que o Ministério já contactou com a Liga de Cooperativas Italianas e com uma organização civil francesa nesse sentido...

**Bessone** - Não, ainda não há isso. Ainda não está em cogitação. Pode tá em exame, mas não em cogitação.

**Zero** - O que o senhor diz do documento da Anistia Internacional (que denuncia 571 assassinatos em conflitos de terra entre janeiro de 85 e junho de 87, seqüestro e tortura de dezenas de camponeses por latifundiários e conivência da justiça)?

**Bessone** - Lamentavelmente, não recebi o documento da Anistia Internacional. Ele foi entregue ao ministro Paulo Brossard, da Justiça, que não me deu até hoje o documento. Então eu não conheço o teor do documento, então eu não posso opinar. Conheço por notícia de jornal, mas não acho que é tão grave quanto tá anunciado. Ele é grave, há violência no campo, mas não é do tamanho, da extensão que eles estão dando. Mas eu não conheço o documento. (Os assessores arrastam o ministro embora antes de podermos informá-lo de que os dados da Anistia foram colhidos no próprio Mirad e que, por isso, Brossard qualificou a A.I. de "entidade inidônea").

Geraldo Hoffmann e

Elaine Tavares

## CORRETOR DE IMÓVEIS

O Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra descobriu, recentemente, um boletim de estrita circulação entre grandes empresários e latifundiários, em que se traça um perfil de Bessone e a forma como se deu sua escolha para o Ministério da Reforma Agrária. Transcrevemos os passos que levaram Bessone a Brasília:

Leopoldo Bessone chegou ao Ministério da forma mais sinuosa e imperdoável: era candidato a prefeito de Belo Horizonte, com o apoio de Hélio Garcia. Newton Cardoso tinha dificuldades para encontrar um candidato capaz de enfrentar a poderosa aliança que se arma para apoiar Pimenta da Veiga. Negociou com Bessone a retirada de seu nome da disputa, em favor de Alvaro Antonio, o seu candidato. Bessone aceitou, mas ousou: "Inclua meu nome na lista de ministérios da bancada", propôs. Incluiu-se.

Quando Newton Cardoso aceitou ceder o Ministério da Indústria e Comércio a São Paulo, em troca da Reforma Agrária, os nomes levantados foram Milton Reis, José Geraldo e Bessone. Os dois primeiros encontraram resistência. O último recebeu o aval de seu compadre Thales Ramalho.

Bessone, um deputado federal no terceiro mandato, advogado, 46 anos, é filho do jurista Darcy Bessone, ex-consultor-geral da República, expoente da UDN mineira. É um homem essencialmente urbano, tendo sido até secretário de Esportes e Lazer de Hélio Garcia (1983-86). É também fisiológico. Só vota a favor do governo federal a pedido de Newton Cardoso.

De reforma agrária, entende pouquíssimo, ou quase nada. Deve, portanto, dar continuidade à política pragmática de Jader Barbalho: conciliação com os proprietários, supervalorização das terras desapropriadas, afastamento da Igreja, da Contag e das forças de esquerda da área de decisão, repressão dos movimentos de desapropriação, como as ocupações de terras.

REBELDE

O Anuário Parlamentar do Congresso Nacional lhe concede mais alguns atributos: casado, 5 filhos, eleito com 73.082 votos (5º do PMDB e 5º em MG), liberal clássico, conservador. É empresário do ramo imobiliário. Participou da fundação do PP.

Pertenceu, na Assembléia Nacional Constituinte, à Comissão de Organização dos Poderes e Sistema de Governo, subcomissão do Poder Legislativo. Parlamentar discreto, moderado e habilidoso nos movimentos de gabinete.

É um rebelde contra a legenda do PMDB, argumentando que o partido se tornou infiel ao seu projeto inicial e pretende ingressar em nova sigla que atue na linha centro-esquerda, para ocupar os espaços deixados pelo PMDB.

Defende para o país um sistema de economia mista que combine investimentos privados e estatais. Aceita a presença das multinacionais que devem ficar circunscritas às áreas que não puderem ser ocupadas pelas empresas nacionais.

É favorável à reforma agrária limitada às terras improdutivas. Formou com a maioria moderada do "Centrão", que tinha como principal compromisso reduzir a influência da esquerda na votação dos direitos sociais e da ordem econômica.

NOTA ZERO

A impressão digital de Bessone na nova Constituição é avaliada no relatório "Quem foi quem na Constituinte", elaborado pelo DIAP - Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. O ministro participou de todas as fases do processo constituinte, à exceção do final do 2º turno. Votou contra a reforma agrária e a favor dos cinco anos para Sarney. Disse "sim" à nacionalização do subsolo e votou a favor da participação popular no processo legislativo. Disse "não" ao mandato de segurança coletivo e ao monopólio da distribuição de petróleo. Tirou nota 3,5 no 1º turno, zero, no 2º e média final 1,75.

Geraldo Hoffmann e Elaine Tavares